

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

LEONARDO COIMBRA

Acha-se publicado, numa formosa edição da livraria Tavares Martins, o «In Memoriam» de Leonardo Coimbra que, pelo pensamento e pela emoção, foi uma figura que o tempo não gastará tão depressa. Os seus amigos foram leais à sua amizade e fieis à sua admiração, consagrando ao autor do «Craclonismo» um monumento votivo em que as palavras têm o palpitante das orações.

O poeta, o filósofo, o orador e o artista revivem, na evocação da sua obra e da sua vida, em que transparece a chama pura dum espírito que nunca se cansou de amar, interrogar, criar e realizar.

Preocupou-o, acima de tudo, o problema do seu destino, presentindo através dele a vasta sinfonia do Universo. Conheceu, na variedade dolorosa das suas manifestações, a dúvida, a negação e a tentação do Nada, mas prestes transpôs e venceu o despenhadeiro, afirmando-se, a toda a altura da mais bela das ascensões, como um redimido e um ressuscitado.

Entre os homens que lutaram para escapar às «variações», construindo-se e construindo o seu horizonte mental, de modo a torná-lo cada vez maior e cada vez mais humano, Leonardo Coimbra é um dos que não foram na corrente, preferindo a tudo descobrir uma solução «para o seu caso», franca, limpa e livre, evitando assim dormir e acordar, com as mesmas inquietações na consciência.

Tinha sinceridade e o fogo divino dos pensadores que não ficam a meio caminho, mas vão até o fim na pesquisa e na descoberta. Berason rasgou-lhe uma vereda que ele foi seguindo e alargando, de modo a satisfazer a sua curiosidade insaciável. A doutrina da intuição deu-lhe a chave do mistério. Estudou-a, aprofundou-a e iluminou-a, com a forte e ampla claridade dos que veem nas trevas.

Pode alguém morar, dentro de si próprio, com uma venda nos olhos, para mais convictamente ignorar a Verdade e rebelar-se, gritando contra a Luz?

Leonardo que conhecemos em Coimbra, em plena e festiva mocidade, numa hora de perfume e de graça primaveril, não guardava as suas ideias nem as suas ilusões num relicário. Encarnava-as, com força, esplendor e eloquência: quando tantos dos seus contemporâneos boiavam contentes, apoiando-se mais em rimas cintilantes do que em certezas positivas, ele, bem senhor de si, proclamava a necessidade de superar as distâncias a que a Razão se colocava, enchendo o espaço vital, com a sua funda respiração.

Porventura Deus e a sua presença eram inatingíveis?

PORTUGAL-AMÉRICA (4)

A participação portuguesa no Colóquio de Washington

por J. Pequito Rebello

Tínhamos acabado por dizer que, neste Congresso, ainda mais importante que o trabalho técnico de análise, está o aspecto de síntese que possa dar a visão da missão de Portugal no Mundo.

E nisto estamos de acordo com o que o prof. Rogers proclamou no discurso inaugural: «Há neste colóquio representantes de dois grupos: o das ciências sociais e o das humanidades. Apresso-me a declarar que sou um humanista e não um cientista social. Nos Estados Unidos há uma crise das humanidades».

Os cientistas sociais estudam as coisas de Portugal e do Brasil em ordem a obter mais dados, mais estatísticas, para a disciplina, enfim, primeiro a disciplina, depois «o Mundo que os portugueses criaram». Os humanistas, pelo contrário, põem primeiro Portugal, depois a disciplina. O investigador não deve perder-se em pormenores. Não deve esquecer que o seu papel é ensinar a juventude a fazer um Mundo melhor».

O prof. Francis Millet Rogers, «dean» da afamada Universidade de Harvard, e presidente

(Continua na 13.ª pag.)

Ele propôs-se, com o seu exemplo, demonstrar o contrário. Lógico consigo mesmo, avançou sem temor, confiado na sua sede devoradora e no seu amor do divino que as «limitações» embaraçavam.

Um relampago feriu-o em pleno rosto: sentiu que tocara em alguma coisa que ele buscava, na alta febre da sua espiritual aventura. Era isto: da noite surgiu Deus, da imensa angústia, a paz e o perdão! Leonardo Coimbra podia exclaimar, como o filósofo grego: — «Tropecei, mas levantei-me!»

No seu «In Memoriam», que aparece agora, trazendo-nos, nas suas belas páginas, os melhores nomes de duas gerações, Leonardo é um pouco como a Árvore da Vida que, depois de ofertar a todos e a cada um, a bênção dos seus frutos, cresce e prospera ainda para o tempo e para a imortalidade.

A GUERRA NA COREIA

A ofensiva prossegue na frente do rio Chongchon

FRENTE DA COREIA, 13 — A 24.ª divisão americana e a brigada britânica começaram esta manhã a ofensiva e avançaram em direcção ao Norte na frente do rio Chongchon.

No flanco esquerdo, tropas da 1.ª divisão de cavalaria avançaram cerca de quilómetro e meio, mas as do centro e da direita estavam a encontrar tenaz resistência.

Na noite passada, os comunistas efectuaram quatro contra-ataques locais, apoiados por artilharia, morteiros e tanques, que forçaram o recuo de elementos avançados americanos, a Leste e Oeste de Wonni. Um regi-

mento sul-coreano foi forçado, também, a retirar cerca de 400 metros.

Por outro lado, possuem-se finalmente alguns elementos de informação acerca da situação na ala direita do dispositivo das Nações Unidas nesta frente. Entre Kunuri e Tokchon, isto é, no sector ocupado pelas 7.ª, 6.ª e 8.ª divisões sulistas, os comunistas lançaram ontem um ataque que forçou dois regimentos sul-coreanos a recuar uns 3 quilómetros. As últimas informações de ontem indicavam que o ataque tinha sido contido — declarou

(Continua na última página)



ENG. HENRIQUE DE BARROS



O ministro da Marinha, os almirantes e outras entidades, durante a missa no mosteiro dos Jerónimos

Rezou-se hoje nos Jerónimos com a presença do ministro da Marinha missa por alma do Infante D. Henrique

Em cumprimento de um desejo expresso pelo infante D. Henrique no seu testamento, reza-se todos os anos no mosteiro dos Jerónimos, uma missa sufragando a sua alma, na passagem de mais um aniversário do seu passamento. Hoje, ao completar-se o 490.º aniversário da mor-

te do precursor da nossa epopeia marítima, voltou a realizar-se a tradicional cerimónia naquele templo, com a assistência de numerosas pessoas.

Junto ao altar-mor formou uma companhia de cadetes da Escola Naval, com bandeira daquele estabelecimento. Na nave central estavam a fanfara do Corpo de Marinheiros da Armada e deputações de marinheiros e de alunos da Escola de Marinheiros e Mecânicos da Marinha Mercante.

Às 11 horas, chegou o sr. comandante Américo Tomás, ministro da Marinha, que foi recebido pelos srs. almirantes Magalhães Correia e Teixeira Dinis; capitão-de-mar-e-guerra Sousa Mendes, subinspector de Marinha; comandantes Soares de Melo e Silva Ponce; dr. Pinto Coelho, comissário nacional da Mocidade Portuguesa; eng.º Perestrelo de Vasconcelos, administrador do Arsenal do Alfeite; e pelos membros da Comissão Infante D. Henrique, srs. comandante Celestino Ramos, coronel Lopes Galvão, viscondes de Botelho e de Santarém, dr. Corte Real, etc. O sr. ministro das Colónias estava representado pelo seu oficial às ordens, 2.º tenente Almeida Pinto.

Celebrou a missa o capelão da Armada rev. Cabeçadas e, ao Evangelho, o assistente dos escuteiros católicos, rev. Ferreira da Silva, traçou o perfil do Infante e apontou a sua obra e os seus efeitos na grandeza da nacionalidade.

No final da cerimónia, a fanfara do Corpo de Marinheiros executou a marcha de continência, no momento da elevação, enquanto a assistência ajoelhava. Finda a missa, o sr. ministro da Marinha cumprimentou os rev. Cabeçadas e Ferreira da Silva, após o que se retirou para a saída do templo onde assistiu ao desfile dos cadetes da Armada, os quais prestaram continência ao sr. comandante Américo Tomás.

PROBLEMAS DE ECONOMIA AGRÁRIA

A política do Governo trabalhista não invalidou, antes fortaleceu

o espírito liberal inglês

— diz-nos o eng. Henrique de Barros

O prof. engenheiro Henrique de Barros que, dentro do reduzido quadro dos nossos economistas da ciência agrária, ocupa hoje um primeiro lugar que não tem par, regressou, há pouco, de uma viagem de quatro semanas pela Grã-Bretanha, onde foi tomar conhecimento de alguns dos mais instantes problemas da terra, muitos deles já resolvidos com aquele sentido prático e cívico, tão próprio do povo inglês. Foi a sua obra erudita, os seus inúmeros e valiosíssimos trabalhos de economia agrícola que chamaram a atenção do British Institute em

Portugal e levaram este a propor ao British Council de Londres a oportunidade da sua visita aos primeiros centros de trabalho ingleses. O que foi esse visita, organizada até aos últimos pormenores, pelo departamento de visitantes do British Council, vale a pena ser registado e revelado, tal como no-lo vai contar o sr. eng. Henrique de Barros.

— Todos os dias, todas as horas, todos os minutos da minha presença estavam rigorosa-

(Continua na 13.ª pag.)

TRANSPORTADO POR AVIÃO DOS T. A. P.

Vida artística

Exposição de Piló

Devemos a Piló, através dos seus encantadores bonecos, um pouco da alegria da vida. No hemisfério austral, Brasil deslumbrante e Argentina prateada, donde agora regressou, veio—como dizer?—mais artista e dominador da beleza.

Outro qualquer teria vulgarizado a suas figuras de madeira, ou de bronze, em séries para o comércio, e também esquecendo o que devia a si próprio como dignidade. Piló não! Elevou os seus «bonecos» a uma verdadeira arte, o que não é exagero franquear, admirativamente as portas dos museus.

Pelo menos, a sua esvoaçante e admirável «Varina» em bronze, onda de mar, pelo movimento, o quebrado, a elegância, o donaire, a esbeteza, o ritmo, que nos faz vibrar, artisticamente, de assombro. Esta figurinha podia até ser um símbolo de Lisboa. Ela não fala, mas sente; ela está parada mas dança, com a canastra, sobre a qual se vêm as tamanquinhas, de gaspa aguda como a proa de um saiveiro, em equilíbrio, ligeiramente inclinada—toda ela flamejante e airosa, num passo de ballet sortilego de etnografia das gentes ribeirinhas.

Esta exposição, no seu atelier, Largo do Poço Novo, 2, pela exuberância, o colorido, o carácter dos modelos, é, sem dúvida, a melhor de Piló.

Nenhum dos seus vinte e dois trabalhos se passa em claro. Vêmo-los, sorrindo, bailando, tocando, trabalhando, aqui a anedota, além a caricatura, acolá a estilização, como um daqueles belos filmes de desenhos coloridos de Walt Disney. É a humanidade transposta, para um novo mundo de cores e de formas, que recreia na nossa visão, paraísos do sonho infantil.

Do folclore brasileiro, tudo tem sabor, flagráncia e tipismo. Entre outras peças vêmo-se «A Baiana do Largo do Carioca», sentada, obesa como uma abóbora, e no seu vestuário alacre de papagaio emplumado, lenço amarelo nos ombros, com o tabuleiro de «quindim» e o fogareiro, aos pés, numa charge, aliás, simpática e verídica. Os quatro tocadores de pandeiro, cuica, macará, e violão são uma rajada de alegria, um redopio coreográfico que nos chega a entontecer pela vertigem, que o artista lhe imprimiu. Da Argentina, trouxe Piló dois tipos soberbos: «A Camponesa», motivo do Akiplano, no arco-íris fascinante do seu traje regional, bordado e recamado e «El Payador», com a velha indumentária gaúcho, e o violão sertanejo, que obriga as estrelas a descerem do céu para nele ouvirem a melancolia do vento, percorrendo as pampas e as savanas.

Portugal está, largamente, representado, neste vistoso cortejo internacional de figuras. «Velha Camponesa», faz-nos lembrar, pela observação realista, uma página de Leal da Câmara. Em «Mulher com bilha» obteve o escultor um curioso efeito, com a saia, que chega a parecer a proa de um navio. «Derrete», «Pauliteiro», e esse alucinante «Varredor de Feiras», são outras peças prodigiosas de realismo, tão vivas, palpitantes nos surgem na sua étnica ruralista. E fechamos—quase citando tudo—com o grupo legendado «Anedota»—em que vários encasacados do grande mundo, ouvem a «última» política, teatral, ou artística, que o Chiado inventou, á mesa de um café. Não se pode observar melhor!

O ministro das Obras Públicas visitou hoje os hospitais

O sr. eng. José Frederico Ulrich, ministro das Obras Públicas, visitou esta manhã os hospitais de S. José, Capuchos, Desterro e Arroios, onde apreciou o andamento de algumas obras de beneficiação determinadas após a visita que há alguns meses ali fez aquele membro do Governo. Na sua visita de hoje, o sr. eng. Frederico Ulrich, acompanhado pelo enfermeiro-mor, sr. dr. Emilio Faro, foi recebido pelo pessoal clínico e outros dirigentes.

Dr. Mozart Monteiro

VISEU, 13. — De passagem para Espanha, França, Suíça, Itália e Inglaterra, em viagem de estudo, passou três dias nesta cidade o professor e jornalista brasileiro dr. Mozart Monteiro. Durante a sua estada em Viseu, visitou os museus, monumentos da cidade e seus arredores. No seu regresso ao Rio de Janeiro, em princípios do próximo ano, prometeu visitar a velha Beira e os institutos científicos de Coimbra, nomeadamente os anexos á Faculdade de Letras.

CAFÉ PORTUGAL

ROSSIO
APRESENTA DE NOVO
AMANHÃ AO ALMOÇO
ENSOPADO A ALENTEJANA

Uma maravilha de culinária, confeccionada com pão e carne (boregos), vindos expressamente do Alentejo e pela cozinheira especializada TI MARIA ISABEL, que se deslocou para este fim, de Vila Boim (Elvas)

4.ª FEIRA: CALDEIRADA A MODA
DAS PEDRAS DO MAR

O incêndio que destruiu seis casas comerciais no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 13.—O violento incêndio que destruiu seis casas comerciais na Rua do Lavradio, teve início nos fundos do prédio numero 61, onde estava estabelecida «A mala chinesa», e propagou-se rapidamente aos prédios vizinhos. O clarão era visível em quase todos os bairros da cidade.

O Teatro-Recreio, onde está em cena a revista «Múei macho sim sinhô», do empresário Walter Pinto, foi, também, atingido pelas chamas. Aquela hora, realizava-se um espectáculo e a sala estava repleta. Um camarim, o guarda-roupa e o escritório do empresário Walter Pinto ficaram completamente destruídos. Tanto o público, que evacuou a sala na melhor ordem, como os artistas guardaram a maior serenidade, motivo por que não se registaram desastres pessoais. Os prejuízos causados pela água naquele teatro são avaliados em mais de 200 mil cruzeiros e estão cobertos pelo seguro.

Os prejuízos totais do incêndio elevam-se a 50 milhões de cruzeiros, pois além de várias residências ficaram destruídas seis casas comerciais. Cinco guarnições do corpo de bombeiros lutaram durante três horas para evitar que as chamas alastrassem a outros prédios.

Vítima de comoção, morreu o sr. Joaquim Pacheco de Oliveira, funcionário aposentado da Marinha.

O Teatro-Recreio não interrompeu o seu funcionamento, graças ao espírito de sacrifício de toda a companhia que, durante a madrugada e a manhã, trabalhou no arranjo do teatro.—(L.).

O prof. Egas Moniz foi hoje homenageado pela Sociedade de Geografia

A direcção da Sociedade de Geografia foi hoje a casa do professor dr. Egas Moniz prestar-lhe homenagem e entregar uma mensagem que contém assinaturas de centenas de sócios. A mensagem, encadernada em pele, tem na capa, em letras a azul e ouro, as seguintes palavras: «Mensagem congratulatória da Sociedade de Geografia de Lisboa ao seu prestigioso sócio, académico insigne, de mundial cotação—o professor exímio Egas Moniz».

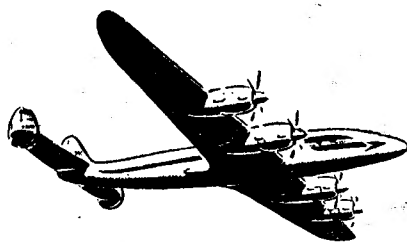
A mensagem foi entregue pelos directores da Sociedade de Geografia que se encontram em Lisboa: professores Moreira Junior, Queirós Veloso e Mendes Correia, general Vieira da Rocha, almirante Magalhães Correia, coronéis Lopes Galvão e Alvaro da Fontoura, comandante Alvaro Machado, drs. Correia de Aguiar, Pedroso de Lima, Correia Gonçalves e Azevedo e Sousa. O prof. dr. Egas Moniz agradeceu comovido.

O ORFEÃO DE LEIRIA vai visitar Ilhavo

ILHAVO, 13.—No dia 1 de Dezembro visita esta vila, o afamado Orfeão de Leiria, dirigido pelo distinto maestro D. José Pais, natural da vizinha vila de Vagos.

Far-se-á acompanhar pelo grupo cénico que representará «Tá-Mara», a peça de Alfredo Cortês.

Há grande entusiasmo pela visita do orfeão ao qual será feita condigna recepção.



SERVIÇO MAIS RÁPIDO PARA Santiago do Chile PELOS SPEEDBIRD CONSTALLATION

Novos, rápidos e mais confortáveis Constellation Speedbirds encurtam o tempo da viagem para Santiago do Chile. Viajando por via aérea poderá poupar alguns dias de viagem e dispor de mais tempo para tratar dos seus negócios ou para as suas férias.

Aproveite a comodidade dum voo rápido e seguro em cabine de pressão regulável. Não terá quaisquer despesas extra. Refeições e bebidas incluídas. Experimente o serviço e a tradicional cortesia do pessoal da B.O.A.C.

CHEGUE MAIS DEPRESSA E FIQUE MAIS TEMPO!

DE LISBOA A:	TEMPO DE VOO:	VOOS SEMANAIS:	PASSAGEM SIMPLES:	PASSAGEM DE IDA E VOLTA:
BERMUDA	16 H.	4	Esc. 9.580\$00	Esc. 14.055\$00
PANAMA	29 H.	2	Esc. 13.655\$00	Esc. 21.397\$00
LIMA	35 ¼ H.	2	Esc. 18.190\$00	Esc. 29.560\$00
SANTIAGO	42 H.	2	Esc. 21.780\$00	Esc. 36.017\$00

A B. O. A. C. CUIDA DE SI

Informações e marcações: Em qualquer agente autorizado ou na B. O. A. C. Avenida da Liberdade, 23-27. — LISBOA
Telefones, 30931-30932-30933
Telegramas SPEEDBIRD

VOE PELA B.O.A.C.



BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

Tribunais

No 3.º Juízo Criminal

Perante o tribunal colectivo do 3.º juízo criminal da Boa-Hora, compareceram Laureano dos Santos Meira, de 29 anos, natural de Neiva, Viana do Castelo; Antório Maria Ferreira, de 55 anos, comerciante, de Alvor, concelho de Ancião; Jorge Sobral, de 60 anos, industrial, de Setúbal, residente em Neiva; e João da Luz Junior, de 76 anos, distribuidor do «Diário do Governo», aposentado, da freguesia das Mercês, em Lisboa.

Segundo o despacho de pronúncia, o Meira, como sócio responsável da Sociedade Comercial Importadora, Limitada, com sede em Lisboa, sob o falso pretexto de vender artigos comerciais a prestações, com sorteio, induziu em erro diversas pessoas, que foram defraudadas por meio de artifícios fraudulentos, roubando-lhes mercadorias que totalizaram 103.753\$60. O Meira também admitiu empregados mediante a caução de dois mil escudos, despedindo-os depois sem lhes restituir o dinheiro por eles depositado. Os crimes ocorreram durante os anos de 1947-48-49. O Meira tomou parte também numa burla de vinte e oito toneladas de pneus.

Sobre os outros reus impedia a acusação de terem abonado falsas declarações prestadas pelo Meira num rotário.

Depuseram três testemunhas de acusação e vinte e uma de defesa. Nos debates intervieram os srs. drs. Aves Pinto, ajudante do Procurador da República e os patronos dos acusados, srs. drs. Roque do Vale, José Emídio de Figueiredo Medeiros e Joaquim da Ponte Valentim.

Lida a sentença, que dá como provadas as acusações contra o comerciante Laureano dos Santos Meira, foi este condenado em seis anos de prisão maior celular, na alternativa de nove anos de degredo, trezentos dias de multa a 15 escudos por dia, e mil escudos de imposto de justiça. Os outros acusados foram absolvidos, por não se ter provado a má fé.

Outro julgamento

Sob a presidência do sr. dr. Lucena e Vasconcelos realizou-se, na Boa-Hora, o julgamento de João Pedro, de 26 anos, natural de Castelo Branco, empregado no comércio, acusado de fazendo serviço ao balcão da firma Cardoso & Azevedo Correia, Limitada, no Poço do Boratém, usava de falsas requisições, obtendo mercadorias de outras firmas, no valor de 89.203\$90.

Discutida a causa, o reu foi condenado em dois anos de prisão maior celular, em alternativa de três anos de degredo, noventa dias a quinze escudos por dia, mil escudos de imposto de justiça. O tribunal atribuiu uma indenização de 12.500 escudos a uma firma ofendida.

O SUBSECRETARIO DA EDUCAÇÃO conferenciou em Viseu com várias entidades do ensino

VISEU, 13 (Pelo telefone)—Chegou hoje a esta cidade, em visita oficial, o sr. dr. Veiga de Macedo, subsecretário de Estado da Educação Nacional. Este membro do Governo, presidiu, ao princípio da tarde, a uma reunião de trabalhos em que participaram o chefe do distrito, sr. dr. Miranda Mendes; o vice-reitor do liceu e os directores do distrito escolar, da Escola do Magistério Primário e da Escola Industrial e Comercial, para apreciação de diversos problemas afectos ao ensino naquele distrito.

Terminada a reunião, o sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional fez algumas visitas a estabelecimentos de ensino, após as quais seguiu para Castelo Branco.

O FOGO EM VENDAS NOVAS

VENDAS NOVAS, 13 (Pelo telefone)—Continua o rescaldo do grande incêndio que ontem se manifestou nos armazéns de cortiça granulada da firma Recoger, Lda., estando os prejuízos avaliados em cerca de cinco mil contos. Os bombeiros de Montemor já retiraram, mas os de Vendas Novas mantêm-se no local do sinistro.

Dos dois incêndios aqui registados este foi o maior. Ignoram-se as causas do sinistro.

AMOREX

evita o envelhecimento dos dentes devido à sua nova composição de fosfato de amónio, ureia e clorofila



— IMPORTANTE —

Conserve as senhas referentes ao Concurso RAINHA POR UMA SEMANA pois elas habilitam igualmente a dois prémios de cinco contos e um de vinte contos do 2.º GRANDE CONCURSO AMOREX

PEUGEOT 203

Ultimo modelo, a estrear
Telefones 23429-42614

DESPORTOS

Força irresistível

Os mais peritos enqanam-se! O que julgamos em teoria que vai suceder é, afinal, o que não acontece. E, caso curioso, dando-nos a prática exemplos suficientes para ter juízo, a verdade é que continuamos a viver uma vida de sonho no que diz respeito ao futebol. A melhor maneira de passar e desfrutar a vida consiste fundamentalmente em criar um mundo de ilusões, penetrar nesse mundo, e mesmo quando nos querem empurrar de lá para fora, continuarmos na ficção, julgando que a fantasia é uma realidade. Ai de nós, de resto, se não dêssemos vestes de fantasia e espírito aos factos decorridos no rectângulo do futebol e fixados pela nossa retina.

Se tivéssemos ido ao Estádio Municipal de Coimbra com a intenção preconcebida de analisar ou ver em plena luz algumas figuras—as da Académica conhecêmo-las tão bem como os dedos das nossas mãos!—talvez que ficássemos um tanto ou quanto desiludidos, o que é sempre aborrecido. Mas talvez não houvessem tais propósitos na viagem.

A nossa imaginação, quase insensivelmente, vai moldando idealmente uma figura de jogador, determinando-lhe o conteúdo e a forma externa, e quando essa criação não corresponde, ou parece não corresponder, à ficção ou do nosso pensamento, entra em nós a tristeza imensa de havermos falhado. A tristeza do artista que não encontra justificação no modelo. E não há espiritualidade que chegue quando o modelo não satisfaz em mínimas condições.

Os nossos passos perdem-se, algumas vezes, quando descemos ideais terrenos de luta e não sentimos nem perfume nem graça de jogo. E está longe de nós a ideia de ver jogadores ideais, em condição física, saber e execução. Claro que a planta de estufa é a quintessência, mas as flores do campo também têm o seu encanto. Bem maior, às vezes. O jogador, quando o é, em qualquer circunstância, poderá não fazer uma grande exibição, mas não deixará de revelar, necessariamente, se tem luz, que ela ilumina o rectângulo.

Não perdemos os passos desta vez. Vimos um desafio com trechos de grande beleza no ponto de vista de competição—uma serenata em noite límpida de luar!—que nunca chegou a ter passagens mediocres, para deitar no cesto dos papeis. Não as poderia ter uma partida disputada, toda ela, não por acaso mas por jogo premeditado, de futebol, rasteiro, em variedade de passagens curtas e largas, de uma rapidez de avião por propulsão de facto, dominada ainda pela característica da emoção, que é a qualidade que descompassa o coração.

Para os que esperam sabendo da nossa simpatia pela Académica que, aliás, nunca escondemos, a nossa vida é transparente!—alguns dos que passaram por Coimbra vão ter a paragens muito afastadas, no turbilhão da sua existência e lá pensam todos os dias no Penedo da Saudade!—numa fala de admiração pela equipa dos estudantes, devemos desiludi-los.

Uma coisa são os nossos sentimentos, outra a posição de crítico. Ora, a Académica acaba de ganhar dois encontros no último minuto, já na tabela dos segundos, com a corda a aper-

tar a garganta, e quando tal aconteceu há que reconhecer que a equipa conta com poder de reacção e recuperação, mas ao mesmo tempo há que pensar em certa medida numa coisa que se chama a Sorte do Jogo. Acrescentarmos, para retemperar os espíritos, que os nossos amigos capangas souberam buscar e procurar a Sorte, isto é, não ficaram de braços cruzados aguardando uma dádiva do céu. Não estiveram inactivos e pelo triunfo porfiaram. Mas quando uma equipa, no seu lar, ganha dois encontros em semelhantes condições está, porventura, à beirinha da primeira derrota, e quando menos o espera.

O Boavista, apraz-nos esta afirmação, nunca foi uma equipa diminuída. Revelando ligação de conjunto, boa condição física (melhor, excelente condição!), organização de ataque na base da linha média, posto que sobre o infatigável Fernando Caiado recaisse quase todo o peso do jogo, os boavistas mostraram-se à altura de doutoramento na Cidade Universitária—não sendo, todavia, superiores ao adversário. Mas não tiveram receio, nem temor, nem respeito pelos de Coimbra, traçando os seus esquemas com a simplicidade de quem tem o que pode definir-se por personalidade.

Em determinada altura, porém, a Académica foi abalada por um penalti, que passou o resultado de 2-1 para 2-2,

e que era uma verdadeira porcaria — no lodo não vale a pena remexer!

Foi, então, que o desafio ganhou extraordinariamente em emoção, a-par do seu interesse técnico. Se, aos adeptos da Académica, lhes tapassem a boca, a sufocação seria certa. Tivemos a impressão, estranha, nesse instante dramático, de que a ansiedade fora do campo penetrava nos jogadores dentro do rectângulo.

E este galope da Académica, gigantesco, grandioso, memorável, teve qualquer coisa semelhante à ponta final de uma corrida alucinada de quadrigas, ou, numa imagem mais moderna, de uma carga motorizada dos americanos na Coreia. Os minutos passavam, o sofrimento dos capangas era cada vez maior—especie de tortura científica!—mas o golo da vitória não surgia...

E quando todos já desesperavam, o senhor Antonio Bentes, o irresistível e de força irresistível, que havia traçado no terreno as melhores figuras de futebol, na pujança de todo um jogador, de alto a baixo, de habilidade e saber, a um tempo artista e prático, agarrou a bola, impulsionou os seus companheiros, e cá de fora tivemos a sensação de que o golo estava feito antes dele se dar, por que não havia opção possível de defesa. O ataque do irresistível cortava o espaço sem possibilidade de resistência. Foi a vitória!

TAVARES DA SILVA

PRIMEIRA DIVISÃO

O Sporting da Covilhã cometeu uma proeza na Constituição

Três golos em dez minutos na Tapadinha

— Vantagem do Sporting de Braga

— Guimarães empatou em Olhão

Este campeonato nacional está a oferecer, jornada a jornada, resultados estranhos. Pelo menos—sensacionais!

Ontem, na Constituição, onde tantos dos maiores tombam, os «leões da serra» arrancaram um excelente triunfo. E interessante salientar que, na jornada anterior, também na Constituição, o F. C. Porto não pudera ir além de um empate, com os capas negras de Coimbra.

Isto revela, parece, quebra de capacidade dos portuenses. O caso faz pensar, porque reflecte uma tendência perniciosa dos azuis e brancos. Em duas jornadas o F. C. Porto perdeu três pontos no seu campo! E' muito.

O grupo da capital do Norte foi o primeiro a marcar, aos treze minutos. Mas o grupo serrano não se atemorizou. Reagiu imediatamente, com vigor. E Simonyi, deficientemente marcado, escapou-se duas vezes para atirar a bola para as redes—e marcar dois golos. O primeiro tempo pode definir-se assim: melhor jogo do F. C. Porto; mais energia do Sporting da Covilhã.

No segundo tempo, o F. C. Porto viu-se privado de Araújo, lesionado. Dez contra onze e muito desordenação do ataque portuense justificaram o desfecho do jogo. E a debilidade da defesa azul-branca esteve também na base da derrota da equipa.

Derrota evidentemente sensacional, colocando o F. C. Porto mais longe do que já estava do Sporting de Portugal e levantando o orze dos Herminhos, que está a fazer boa carreira.

Oxalá que a lesão de Araújo seja coisa de somenos. A sua falta no F. C. Porto, está por demais verificada, é muito importante. O Sporting da Covilhã cometeu uma proeza. Simonyi, deixado um tanto à larga, disparou dois «balões» que Barrigana não conseguiu deter. Deixar Simonyi à vontade é sempre perigoso. Ficou-o a saber o F. C. Porto...

Três golos em dez minutos na Tapadinha

O Atlético, de moral elevado, confiante, recebeu o Oriental. Este também, na verdade, devia estar animado—porque o empate que impusera ao Sporting dera que falar...

Mas ficou mais uma vez demonstrado que os orientalistas cedem muito quando deixam o seu

cantinho. Inferiorizam-se logo. O resultado de ontem, na Tapadinha, confirma a lei.

Os alcantarenses fizeram uma exibição animosa, em que o conjunto da equipa voltou a revelar-se. E' esse conjunto, afinal, o segredo dos êxitos atléticos. Para reforçar as suas possibilidades a defesa está a jogar muito bem, com Ernesto e Armindo em primeiro plano.

O desafio teve equilíbrio até à altura em que os visitantes marcaram o primeiro golo. Encontrado o caminho das redes os homens da Tapadinha não abrandaram. E em dez minutos construíram o resultado, marcando os três golos, um deles, o segundo, de grande penalidade.

Este era o resultado ao intervalo.

Depois do repouso, os orientalistas recompuseram-se e passaram ao ataque, beneficiando de certo retraimento dos adversários, confiantes na marca de três bolas a maior. O mau empate dos dianteiros do Oriental impediu, porém, que o seu esforço lograsse compensação.

Boa vitória do Atlético. Um caso curioso: o orientalista Pina, bom rematador, perdeu duas oportunidades magníficas.

Vantagem dos minhotos

No seu campo, o Sporting de Braga vale muito mais. Dizem-no os seus próprios resultados. Os melhores são os feitos ali. Quando se desloca perde possibilidades.

Precisamente o mesmo sucede com o Vitória de Setúbal, que nos Arcos redobra de valor. Deste modo o triunfo bracerense estava previsto. E deu-se, na verdade.

Para o êxito dos minhotos contribuiu um pormenor que é quase sempre decisivo: o Braga obteve um golo no primeiro minuto. Isso deu-lhe tranquilidade relativa e novo golo acentuou a sua confiança. Os setubalenses, sempre animados e voluntariosos, ofereceram boa luta. Simplesmente, a superioridade do Sporting de Braga foi evidente.

Depois do descanso, os locais continuaram ao ataque. Mas só conseguiram o seu terceiro golo numa jogada infeliz de Graça, defesa da turma visitante.

Para o final da partida o Vitória melhorou sensivelmente. Encontrou mais depressa que o

(Continua na 5.ª pag.)

A marcha do Campeonato

Sporting, 6-Belenenses, 2
Atlético, 3-Oriental, 0
Benfica, 2-Estoril, 3
Sport. Braga, 3-Vit. Setubal, 1
F. C. Porto, 1-Sport. Covilhã, 2
Académica, 3-Boavista, 2
Olhanense, 1-Vit. Guimarães, 1

	J.	V.	E.	D.	Golos		P.
					F.	C.	
Sporting ...	9	8	1	—	34	9	17
F. C. Porto...	9	4	3	2	21	10	11
Atlético...	9	5	1	3	20	14	11
Académica...	9	5	1	3	20	22	11
Benfica...	9	4	2	3	33	20	10
Estoril ...	9	5	—	4	25	18	10
Sport. Braga...	9	4	1	4	16	23	9
Covilhã...	9	4	—	5	23	23	8
Boavista ...	9	3	1	5	15	18	7
V. Setubal...	9	2	3	4	8	18	7
Oriental ...	9	2	3	4	9	24	7
V. Guimarães...	9	1	4	4	15	19	6
Belenenses...	9	3	—	6	18	28	6
Olhanense...	9	2	2	5	12	23	6

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão teve ontem a 9.ª jornada. Está, portanto, corrida a primeira terça parte da prova e o «panorama» actual não é, em boa verdade, o que mais convém para que o interesse seja do melhor quilate.

Os resultados da «ronda» anterior, nomeadamente o empate consentido pelo «guia» da classificação, fizeram despotar uma esperança—embora ténue—de que a luta para o primeiro lugar podia, ainda, vir a ser árdua. Houve como que um acréscimo de interesse pela sequência do campeonato e o torneio parecia tomar outro rumo, outra feição.

Mas, ontem, com as duas surpresas que ficaram a assinalar a nova jornada—refirmo-nos, é claro, as derrotas do F. C. Porto e do Benfica, consentidas em casa e em frente de adversários que não eram tidos como favoritos dos encontros—a fisionomia voltou a ser a de há duas semanas, senão pior.

Se há oito dias se podia dizer do Benfica que ele havia ganho em toda a linha, hoje não é temerário dizer-se que os leões venceram em três campos (Alvalade, Campo Grande e Constituição).

A distancia que separa, agora, o comandante dos subalternos é traduzida por seis pontos—por consequência nítida como ainda o não havia sido neste campeonato.

Fixando a tabela da classificação, pode bem dizer-se que todo o interesse se voltou para a conquista do 2.º lugar da tabela. No momento actual é esse o interesse dominante que a competição oferece.

A jornada de ontem foi, para os lisboetas, cem por cento regionalista. Pela primeira vez—e não haverá outra «ronda» como esta, além da correspondente na 2.ª volta—as seis equipas da capital jogaram para o seu publico. Teve outro sabor o 9.º dia do campeonato...

As alterações na ordenação das equipas voltaram a ser sensíveis em consequência dos resultados que se verificaram. Dos seis vencedores, dois conservaram as suas posições e quatro melhoraram-nas. Um outro concorrente, mesmo com um empate ficou melhor situado (o Guimarães). Ao invés, todos os vencidos desceram na escala...

Concretizando: apontam-se nos mesmos lugares o Sporting (1.º), o F. C. Porto (2.º), o Estoril (6.º) e o Olhanense (14.º). Subiram: o Atlético de 4.º para 3.º, a Académica (de 5.º para 4.º), o Sporting de Braga (de 9.º para 7.º), o Sporting da Covilhã de 11.º para 8.º e o Vitória de Guimarães (de 13.º para 12.º). E desceram: o Benfica (de 3.º para 5.º), o Boavista (de 7.º para 9.º), o Vitória de Setúbal (de 8.º para 10.º), o Oriental (de 10.º para 11.º) e o Belenenses (de 12.º para 13.º).

Outros factos a citar podem ser a terceira derrota consecutiva do Belenenses e do Vitória de Setúbal e a terceira vitória consecutiva do Atlético.

Lisboa continua com quatro equipas entre as sete primeiras. A luta para fugir aos dois últimos postos «complicou-se», pois ao Guimarães e ao Olhanense juntou-se, agora, o Belenenses.

As honras da jornada vão, sem dúvida, para o Covilhã e Estoril—ambos vencedores no campo do adversário. Unica equipa que não marcou: a do Oriental. Marcaram-se 30 golos (19 dos visitantes e 11 dos visitantes) o que eleva o total para 269 golos—média de 29,9 por jornada—

D. D.

Leiam o jornal humorístico

fixe

RETALHOS...

E restos de peças de fazendas com boas medidas para: Fatos, Sobretudos e Gabardinas.

GRANDES DESCONTOS LANIFICIOS para Homens e Senhoras

Depósito da Covilhã

Rossio, 93, 1.º

2.ª DIVISÃO NACIONAL

Os clubes de Aveiro e Setúbal

estiveram ontem em evidência

Concluídos os torneios distritais de apuramento, o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão entrou na sua segunda fase. Trinta e nove equipas, que é forçoso considerar as melhores apetrechadas para a luta que vai travar-se, são as que podem, agora, aspirar à conquista do título—bem difícil de conquistar.

Feita a primeira selecção de valores ressaltou a felicidade da adopção dos novos moldes em que o campeonato se disputa. A qualidade sobrepõe-se à quantidade e isso é, afinal, o que mais pode contribuir para o interesse e valorização da prova.

O intercâmbio regionalista vai prolongar-se por mais 13 domingos. A jornada de abertura decorreu com normalidade. Disputaram-se 19 desafios, desde o Minho até ao Algarve. Houve 16 vencedores e três desafios terminaram empatados. Marcaram-se 73 golos, sendo 41 dos visitados e 32 dos visitantes. Dez equipas ficaram em branco.

Aveiro melhor do que o Minho

Os cinco desafios da Zona A, entre representantes das Associações de Braga, Vila Real, Porto e Aveiro, forneceram os seguintes resultados:

Sport. de Fafe, 2—Oliveirense, 3
Ovarense, 3—Famalicão, 2
Gil Vicente, 1—Espinho, 4
Vila Real, 3—Salgueiros, 3
Tirsense, 0—Leixões, 1

Três equipas de Aveiro defrontaram grupos de Braga. A superioridade das primeiras, traduzida por três vitórias, foi notória. O melhor dos minhoitos perdeu em casa; o 2.º perdeu com o 3.º de Aveiro; e o 3.º consentiu o pior resultado.

Entre trasmontanos e portuenses as melhores palmas devem dispensar-se ao Salgueiros, pois podia esperar-se melhor dos campeões de Vila Real. Finalmente o Tirsense, primeiro dos portuenses, jogando no seu campo, não pôde evitar uma derrota comprometedora das suas aspirações.

Leiria teve vantagem

Na Zona B, interessando representantes das Associações de Viseu, Coimbra, Guarda, Castelo Branco e Leiria, anotaram-se os seguintes resultados:

A'cobaça, 1—Marialvas, 0
Anadia, 1—Torrense, 5
Académico Viseu, 3—S. B. e Viseu, 0
Covilhãense, 1—União de Coimbra, 2
União da Guarda, 5—Peniche, 0

O primeiro destes desafios, entre os vencedores dos torneios de Leiria e Coimbra tinha fatalmente de ser considerado o de maior expectativa. O A'cobaça levou a melhor sobre o grupo de Cantanhede, mas a ideia de que o seu triunfo foi difícil não pode andar arredada. O duelo entre as duas regiões apresentou-se, ainda, valorizado pelo encontro Anadia-Torrense, ganho com nitidez pelo segundo, a provocar a impressão de que na zona de Leiria se progride.

A cotação do futebol conimbricense foi salva, desta feita, pelo União de Coimbra, a equipa da Lusitana com maior cartel, que, todavia, deve ter tido tarefa difícil.

O «derby» visense deu a vitória nítida do Académico—equipa mais preparada para maiores cometimentos. Ao União da Guarda pertenceu o melhor resultado... necessitado de confirmação...

Sete pontos para os clubes de Setúbal

Na Zona C, constituída por clubes de Lisboa, Setúbal e Santarém, os desafios tiveram os seguintes resultados:

Montijo, 1—Operário, 0
Aroios, 2—C. U. F. Barreiro, 6
Almada, 3—Torres Novas, 3
Casa Pia, 2—Alhandra, 0
Barreirense, 1—Ferroviários, 0

Três vitórias e um empate dos clubes da A. F. Setúbal, colocaram os grupos do lado de

lá do rio em evidência. Na verdade o seu comportamento tem de ser considerado meritório, numa contradição clara com as equipas lisboetas. Todavia, porque os resultados não se apresentavam sobremodo desnivelados não será descabido aguardar a confirmação dos mesmos resultados. Só os «cufistas» do Barreiro, por sinal, unico vencedor fora de casa, firmaram através de números uma superioridade inofensível.

O desafio mais importante, pois se defrontavam equipas vencedoras de torneios distritais, foi o Montijo-Operário. O interesse foi constante, visto que só com o soar do apito final se teve a certeza da equipa vencedora.

A mesma referência pode merecer o encontro Barreirense-Ferroviários. O jogo de Almada só não se poderá louvar abertamente o comportamento do Torres Novas porque o seu adversário era o menos classificado dos clubes da A. F. Setúbal.

Normal, deve considerar-se a vitória do Casa Pia, tendo em vista as classificações de um e de outro dos contendores no torneio distrital. Diga-se, finalmente, que do Aroios se poderia esperar melhor réplica, embora o adversário seja das equipas habituadas a ir longe nesta prova...

Atenção ao Elvas !...

Na Zona D, a luta entre alentejanos e algarvios (folgou o Farense) proporcionou os seguintes resultados:

Elvas, 7—Portimonense, 2
Lusitano (Vila Real), 1—C. D. Beja, 0
Campomaiorense, 0—Lusitano (Évora), 0
G. S. União, 4—Aljustrelense, 1

Decididamente o Elvas não estranhou a transição da 1.ª para a 2.ª fase do campeonato. Habitados a registar marcas expressivas, os pupillos de Peixes pareceram ontem dispostos a manter a toada. Defrontando o melhor do Algarve, os elvenses se não alcançaram, francamente, o melhor resultado da jornada (há os 5-0 do União da Guarda) mostraram-se, pelo menos, os mais realizadores, fazendo um resultado que não passa despercebido e é declaradamente excelente porque o valor do adversário não pode ser esquecido.

Bem diferente foi a sorte do Lusitano de Vila Real de Santo António—o outro clube vindo da 1.ª Divisão. Jogando entre o seu público, contra um clube que não tem, ainda, a cotação de um Portimonense e pertencente a uma região que não desfruta de tão bom renome no futebol nacional como o Algarve, os vilarealenses devem, por certo ter experimentado dificuldades... porque a vantagem de 1 golo é sempre um sobressalto.

O Lusitano de Évora estranhou a mudança de ares. Contra um adversário que correu risco de descer para a 3.ª Divisão, esperava-se mais e melhor da equipa que fez tão valioso torneio distrital. Mais afortunado foi o segundo classificado de Évora—o União de Montemor—que obteve vitória convincente sobre o 2.º de Beja.

DESPORTOS

ÓQUEI EM PATINS

O Sintra é virtualmente Campeão de Portugal após a jornada de ontem

Após a penúltima jornada do Nacional de hóquei em patins, o Hóquei Clube de Sintra é, virtualmente, campeão, seja qual for o desfecho do encontro que terá ainda de disputar hoje, contra o Infante de Sagres.

O Paço de Arcos, com o empate de ontem, comprometeu decisivamente as suas aspirações, que podia tê-las no caso de vencer todos os nortenhos e do Sintra perder um dos seus jogos.

Assim, os sintrenses aumentaram para dois pontos a sua vantagem e, mesmo perdendo hoje, ganharão o título por melhor «goal-average» —4-1 na primeira volta contra 1-3, na segunda.

O Infante de Sagres mantém o terceiro posto, agora apenas a um ponto do Benfica, que segue em quarto, e que ultrapassará ou não consoante os desfechos que hoje se verificarem nas partidas que lhes cabem disputar.

Académico e Espinho—penúltimo e último—não modificarão já as suas posições, sejam quais forem os resultados desta noite.

Sintra, 8—Espinho, 1

Para o primeiro encontro de ontem os grupos alinharam:

Sintra—Cipriano, Pereira, Edgar, Velez, Pires e Manuel Frederico.

Espinho — Gato, Morais, Alves, Carvalho, Gonçalves e Almeida.

Árbitro—Alberto Couto.

Nota-se, na equipa dos campeões a ausência de Raio.

Os espinhenses não pareciam os mesmos jogadores da véspera, do ponto de vista da correcção exibida. A mesma fraca técnica, nenhuma táctica, mas uma toada enérgica e decidida sem ser violenta. Procurando dificultar a tarefa dos adversários, dentro das leis, com o «stick» e não com o corpo, permitiam que a partida atingisse, por vezes, um nível interessante e agradável de seguir, principalmente pelas combinações do conjunto sintrense.

A Académica abriu até primeiro o activo, fazendo 1-0 após dois minutos de jogo. O Sintra não se apouquentou com isso e manteve o andamento pouco puxado que vinha exibindo.

Aos 4 minutos, Velez empatou, com uma bonita jogada individual e, pouco tempo depois, fez 2-1 a um passe de Pires, após triangulação em que Edgar também interveio.

Sem pressas, procurando jogar bem e executar sempre melhor os sintrenses chegaram ao intervalo a vencer por 3-1.

No recomeço, as características da partida

manteram-se e o Sintra alcançou um triunfo naturalíssimo por 8-1.

Ontem, salientámos a excessiva dureza da Académica de Espinho que não jogou nem deixou jogar.

Hoje apaz-nos salientar que os espinhenses procuraram, contra o Sintra, fazer exibição decente, sem violências desnecessárias que não aproveitam a ninguém.

A arbitragem foi fraca, nomeadamente quando houve que julgar faltas dentro da grande área.

Benfica, 3—Académico, 2

O Benfica insistiu na formação que apresentou no segundo tempo do encontro de sábado, contra o Infante de Sagres, mas não realizou apesar disso, exibição de mérito.

Venceu, com inteiro merecimento, mas experimentou, por vezes, dificuldades que só a si próprio deve.

Ao fim do primeiro tempo, os encarnados venciam já por 2-0, e tinham, além disso, desperdiçado duas grandes penalidades e algumas boas ocasiões.

Após o intervalo, o Académico diminuiu a vantagem para 1-2 e, logo a seguir, o guarda-redes benfiquista fez penake, nítido, que o árbitro não concedeu.

Talvez mais consciente das suas responsabilidades e dos perigos que um resultado tangencial pode criar, o Benfica, a partir deste momento, passou a mostrar-se muito mais empenhado na luta.

Os seus ataques eram, porém, sustidos com alguma facilidade e muito boa visão pelo guarda-redes nortenho. No entanto, a marca subiu para 3-1, e assim se manteve até que Ribeiro, num belo esforço pessoal, repôs a diferença.

A quatro minutos do fim, o guarda do Benfica magocou-se num choque com os avançados contrários e o jogo foi suspenso.

Todavia, após o recatamento, o resultado não se modificou.

A vitória do Benfica foi o desfecho lógico da partida. O Académico não demonstrou poder suficiente para fazer melhor e apenas Ribeiro teve trabalho de mérito, além do guarda-redes, como atrás dissemos.

Os grupos alinharam:

Benfica—Antunes, Lopes, Sousa Dias, Cruzeiro, Lisboa e Perdigão.

Académico—Ferreira, Brito, Figueiredo, Ribeiro, Carvalho e Dias.

O árbitro, António Rosa, não realizou trabalho de jeito, errando frequentemente no julgamento dos pés e na interpretação da lei da vantagem.

Paço de Arcos, 4—Inf. de Sagres, 4

Paço de Arcos: Emídio, Henriques, Gomes, Correia dos Santos, Ramos e Ribeiro.

Infante: Gomes da Costa, António Figueiredo, Soares, Fernando Figueiredo, Polónia e Costa.

Árbitro: Sá Couto.

A um minuto do fim, o Paço de Arcos venceu os campeões do Norte por 4-2.

E só a preocupação de evitar o empate após os 3-4, operados pelos portuenses numa formosíssima jogada de combinação, devem ter permitido que Emídio sofresse o quarto ponto.

O Paço de Arcos empatou por culpa própria, quando a vitória já lhe sorria. Desguarneceu a defesa quando mais se impunha que ela fosse cerrada. Não actuou com a cabeça, actuou com os nervos. E, ainda meio aturdido com o bonito golo do adversário—o terceiro—parou, desorientado, à espera do empate...

Até esta altura, nem o Infante de Sagres merecia a derrota, nem o Paço de Arcos a vantagem de que desfrutava.

Porque os nortenhos jogaram quase sempre em pé de igualdade e, dum lado e doutro, houve oportunidades perdidas.

Todavia, os acontecimentos foram favoráveis ao Paço de Arcos e a vitória estava aceite por ambas as partes, como coisa certa. Surgiu então o ponto que gerou a apatia entre o grupo de Emídio, e logo o empate que era, afinal, o que pretendiam evitar.

O Infante de Sagres chegou ao intervalo com 1-1, mas Polónia foi obrigado a sair, por indisposição, e o sexto não deu o mesmo rendimento. Cedeu, assim, um pouco, embora as jogadas de maior perigo se verificassem por Soares avançar demais e nem sempre ser substituído por um companheiro recuado.

Polónia reentrou no segundo tempo, mas o Paço de Arcos ganhara já vantagem e parecia encaminhado para a vitória. Nos derradeiros segundos, os portuenses chegaram ao empate, que mereceram mas que já não esperavam, com certeza.

O Paço de Arcos teve o pássaro na mão e deixou-o fugir. Só poderá queixar-se de si próprio.

A arbitragem de Sá Couto, sem atingir nível elevado, foi, no entanto, a melhor da noite. Os seus juizes de baliza não viram dois golos e ele não os assinalou, é claro.

JOAO SIMÕES

4.ª FEIRA

FILMES ALCANTARA apresenta

acompanhando a impagável comédia

com
CARY GRANT
CONSTANCE BENNET
ROLAND YOUNG

O PAR
INVISIVEL



NOS CINEMAS

ODÉON-PALÁCIO

O SENSACIONAL DOCUMENTARIO



O BENFICA EM ANGOLA

Um filme de Ricardo Malheiro e Filipa de Solms

1.ª VOLTA DO CAMPEONATO

NACIONAL DE FUTEBOL

1.ª DIVISÃO — 1950/51

GRANDE CONCURSO DE PROGNÓSTICOS

promovido por

«VERMUTE MARTINI»

1.º Prémio 1.000\$00 Esc.

2.º » 500\$00 »

e mais outros 50 prémios

Para concorrer basta responder às 2 perguntas do questionário que está a ser profusamente distribuído nos Cafés, Bars, etc., e juntar a cada prognóstico, três garatinhas do MARTINI Individual ou a capsula de estanho duma garrafa de qualquer dos produtos MARTINI. Peça mais amplas informações, nos referidos estabelecimentos ou na Secção de Publicidade Martini—Rua de S. Paulo, 90, 1.º—LISBOA

NO CAMPO GRANDE

O Estoril venceu o Benfica devido à melhor organização da defesa

Pela segunda vez o Estoril venceu o Benfica —no campo deste... Assim os «encarnados» perderam dois preciosos pontos. E tombaram para o 5.º lugar, quando tudo parecia indicar que o «team» benfica estava bem lançado.

A derrota de ontem teve todo o aspecto de regularidade. Não houve causas estranhas a influir nela. Apenas a deficiente exibição de conjunto da equipa, onde até a defesa actuou abaixo do seu valor real. Que o ataque, por seu turno, mostrou-se enervantemente ineficaz, posto que tivesse marcado dois golos. Mas a ideia de ineficácia tira-se dos que deixou de marcar—no segundo tempo...

O começo foi agradável para os «encarnados», com um golo no primeiro minuto e duas «perdas» logo a seguir. Mas assim que o Estoril passou à ofensiva, organizando-se devidamente, o «conze» do Campo Grande entrou a oscilar, claudicando na defesa mais do que seria razoável, e vendo-se o ataque anulado pela segurança e vigor dos defensores «amarelos». O empate do Estoril, seguindo-se a uma fase de jogo com a bola rasteira, não surpreendeu. Todavia, a réplica benfica valeu aos donos da casa segundo ponto—imediatamente neutralizado... Depois—foi o golo que seria do triunfo. Um golo consentido pela defesa encarnada, toda ela batida pela rapidez dos estorilistas.

A segunda parte principiou com bom aspecto para os visitantes, que estiveram quase a fazer quarto golo. Mas o Benfica reagiu, lançou-se numa ofensiva porfiada, quase ininterrupta, mas sempre desordenada. Muito impeto, sem dúvida. Mas nenhum domínio da situação—e dos nervos... Sem jogarem bem os dianteiros benfiquistas criaram oportunidades bastantes para o Benfica não perder a partida. Simplesmente, a desorientação em frente das redes era demasiada. Corona, á sua parte, teria modificado, talvez, o resultado se tivesse mais presença de espírito.

Tudo o segundo tempo foi de preocupação estorilista em conservar a marca. Aqui e ali via-se a equipa ao ataque. Sem consistência, ou melhor, sem persistência. Apenas rápidas tentativas, que ajudavam a manter a bola longe das redes. Só isso. Logo o jogo voltava ao aspecto anterior. E diga-se que nem sempre os estorilistas procediam bem. Retinham a bola para além do normal, simulavam quedas perigosas—e punham frequentemente o esférico para fora do campo... O árbitro, em alguns casos de evidente simulação, teve de agir com energia! Não gostamos deste processo. Seja ele adoptado pelo Estoril ou por qualquer outro «team». E sempre o verberaremos.

O desafio valeu especialmente, pela enérgica ofensiva benfica depois do descanso e por alguns momentos de excelente jogo dos estorilistas no primeiro período da partida. O Estoril procurou sempre baixar a bola; não se viu isso no Benfica. E a diferença pode justificar, de algum modo, o próprio resultado. Independentemente da belíssima organização defensiva dos visitantes (onde Eloi e Alberto, Cassiano e Fragateiro, tiveram papel preponderante) e da ineficácia dos dianteiros «encarnados», a superioridade da defesa do Estoril tornou-se mais evidente porque os adversários a facilitaram. Jogar pelo ar não é tática. Muito menos quando, do lado oposto, se encontra uma defesa vigorosa, atléticamente bem dotada—como é a do grupo da Costa do Sol. A maneira como essa defesa se bateu impressionou tanto como a forma ardorosa como o ataque benfiquista procurou as redes. Simplesmente, na defesa estorilista houve método, organização; no ataque benfiquista houve desorganização, impeto mal aproveitado.

O Estoril teve em Eloi, Alberto, Fragateiro, Cassiano, Vieira e Bravo os melhores elementos. A «asa» direita (Bravo-Vieira, que começou todavia á esquerda, para desparar...) entendeu-se muito bem. Parece-nos, contudo, que Bravo poderá ser ainda útil no meio do terreno, isto é, a interior.

O Benfica jogou pouco. A defesa cometeu erros, sem rapidez para conter o ataque contrário. Moreira e José Costa salvaram-se do naufrágio, mas a sua tarefa foi difícil. Havia sempre um adversário ao lado... A linha dianteira fraquejou de ponta a ponta. Cremos que Aguiar lhe teria dado mais agressividade. Júlio, já sem recursos, não pôde ser o avançado centro preciso. E Corona esteve desorientado. O próprio Rogério, com altos e baixos, não deu o rendimento de que é capaz. Foi contagiado, sem dúvida. Arbitragem firme de Borques Leal.—MANUEL MOTA

AZEVEDO

sofreu apenas luxação

Correu ontem e hoje a notícia de que o guarda-redes Azevedo, no jogo Sporting-Belenenses, havia sofrido a fractura de uma clavícula no acidente que o forçou a abandonar o terreno.

Podemos informar, porém, que o popular jogador sofreu apenas simples luxação num ombro, assim o tendo revelado a radiografia tirada pouco depois do referido acidente.



BENFICA-ESTORIL—Sebastião faz um pulo magnífico e defende por alto, acossado com impeto por Arsénio

NO ESTÁDIO ALVALADE

Eloquência dos números

Está dito e redito que constitui um regalo para a vista ver jogar a linha de ataque da equipa leonina—quando ela joga bem... Esse prazer foi-nos novamente proporcionado no encontro de ontem com o grupo de Belem. E' que os dianteiros dos «leões», brindaram-nos durante todo o primeiro tempo com uma exibição magnífica, de facto digna de aplauso. Desde que uma linha de ataque jogue com o entendimento, a precisão e a voluntariedade evidenciada pelos dianteiros leoninos, toda a defesa, seja ela qual for, terá forçosamente de derreter. A não ser que surja qualquer imprevisível—e nisso, felizmente, o jogo da bola é fértil, para dar interesse aos desafios, não sendo esses contratempos não existirá, dada a diferença de possibilidades que se verificam entre as diversas equipas que disputam este campeonato, interesse por ele.

A expressão dos números assinalados no final do encontro entre «leões» e «belens» é, de facto, significativa e justifica-se em especial pela maneira como actuou, durante todo o primeiro tempo, a linha de ataque do Sporting. Destes cinco endiabrados jogadores, salienta-se para nós, Travaços. Pelo seu domínio de bola, sentido de desmarcação e rapidez de execução, é para a defesa adversária o jogador mais difícil de dominar.

A vivacidade do interior esquerdo do Sporting, aliada á compreensão verificada entre Vasques e Jesus Correia, cujas jogadas de entendimento pela facilidade de execução, parecem fáceis de anular, dão ao ataque dos «leões» velocidade que desconcerta.

No jogo de ontem o reduto defensivo dos

«belens» ruuiu por falta de velocidade dos seus elementos, que não puderam acompanhar as jogadas desconcertantes dos dianteiros do Sporting.

Se o remate de Wilson, ao marcar o primeiro tento, era de facto indefensável, todos os restantes golos foram disparados de maneira que não podem assacarem-se culpas ao guarda da equipa de Belem. Ele apesar de largamente batido, pois por seis vezes teve de ir ao fundo da rede buscar a bola, teve defesas de grande valor, em que demonstrou bom golpe de vista e valentia. Os «azuis» foram, todavia, sempre adversários valorosos. Nunca renunciando á luta, batalhando sempre com entusiasmo e procurando, dentro das suas possibilidades, dar rumo diferente ao jogo. Não o conseguiram por falta de vontade, mas porque a eficiência dos dianteiros do Sporting o não consentiu.

O desejo de contrariar o desenho das jogadas dos avançados leoninos e de «travar» a sua facilidade de execução, fez com que, por vezes, houvesse intervenções um pouco á margem da Lei. Nem sempre diga-se, devidamente assinaladas pela arbitragem. Travaços foi o que mais sentiu o azedume de alguns elementos.

O facto do Sporting ter terminado a primeira parte com margem folgada, contribuiu para que, no segundo tempo, os dianteiros leoninos tivessem tido uma actuação mais discreta. E, também, porque o sistema de marcação da defesa belenense foi melhor executado, não oferecendo tanto terreno para os avançados do Sporting trabalharem o esférico a seu bel prazer.

A fragilidade dos avançados de Belem favoreceu a actuação da defesa leonina, dando-lhe nítida vantagem nos choques.

No grupo leonino, nem só os avançados merecem elogios. Caldeira vai, de jogo para jogo, vincando a sua utilidade. Canário e Veríssimo são de facto dois grandes auxiliares dos avançados, pela acertada cooperação que lhes prestam.

No grupo de Belem, Feliciano teve utilidade; Rebelo esteve menos útil, devido á velocidade dos adversários e Pinto de Almeida foi irregular demais. O ataque demonstrou pouco entendimento e eficácia. Serafim foi quem obteve os dois golos na marcação de dois livres. Arbitragem deficiente.

JOSE MALHEIRO

Primeira Divisão

(Continuação da 3.ª pág.)

Sporting de Braga o chamado «segundo folego» e aproveitou-se da circunstancia para impor domínio. O último quarto de hora do desafio pertenceu claramente aos adinos, mas só uma vez eles puderam marcar. O autor do golo foi Inácio, que reapareceu no ataque vitoriano.

Partida movimentada, como todas em que intervêm os setubalenses. Melhor grupo do jogo do Minho, mantendo uma toada de movimentos amplos que não estava nas suas características. Como o Vitória utiliza o mesmo sistema, o embate tinha de ser, e foi, agradável como luta.

Empate do Guimarães em Olhão

Defrontavam-se no estádio Padinha dois dos clubes «assiduos» nos últimos lugares da tabela. O Vitória de Guimarães, no seu caminho cheio de irregularidade, trouxe de Olhão um ponto precioso. Foi bafejado pela sorte sem dúvida. Mas esse aspecto não tira mérito ao êxito—porque empatar em Olhão é realmente um êxito...

O 1-1 verificava-se já ao intervalo. Correspondia, de algum modo, ao desenrolar do jogo. Certamente que o Olhanense dominara mais. Mas a tarefa da defesa contrária era de considerar no balanço das possibilidades.

Depois do repouso, o Olhanense teve um período em que buscou a vitória com afinco. Os mirchotos responderam-lhe bem. Os algarvios acabaram por cair numa toada de conformação. Para, no final, reagirem contra eles próprios... E, então, assistiu-se a ataques frequentes dos algarvios, dispostos a todos os sacrifícios para arrancarem uma vitória que se lhes esgueirava sempre. O Vitória aceitou a toada com bom espírito de luta e a partida, depois de um período de frouxidão, ganhou enorme movimento. Mas o marcador não voltou a funcionar e desta vez não ganharam em Olhão, os que lá estão... O resultado foi, evidentemente, lisonjeiro para os minhotos. Andar mais de seiscentos quilómetros para levar um ponto é bem bom...

3.ª DIVISÃO «NACIONAL»

Os clubes de Setúbal ganharam todos os jogos

Começou ontem o Campeonato da 3.ª Divisão Nacional, que se disputa pela quarta vez. Vencedores nas épocas anteriores, pela ordem: Cova da Piedade, Almada A. C. e Ovarense. Foram finalistas, respectivamente: Académico de Viseu, Tirsense e Operário Vilafranquense.

A primeira fase do torneio, «poules» em duas voltas, está a suscitar natural expectativa.

Eis um relance dos 21 jogos de ontem:

ZONA A—Série 1.ª—No seu campo o Monção consentiu o empate de 0-0 ao animoso Desportivo de Chaves. Contra o F. C. Fafe, o Mirandela foi menos feliz (derrota por 3-0), o mesmo sucedendo em relação ao S. C. Regua, que em Viana do Castelo perdeu por 5-0, o resultado mais expressivo de todos os jogos que se disputaram.

Série 2.ª—A Sanjoanense foi ao estádio do Lima bater o Académico por 2-1 (excelente êxito). O Aves, no seu campo, infligiu 6-1 ao Leça. E em Aveiro o Beira-Mar venceu o União de Lamas por 2-1, desforçando-se, assim, da derrota sofrida contra os mesmos adversários, oito dias antes, e pelos mesmos números, em jogo que contava para o torneio regional.

ZONA B—Série 3.ª—O Lusitano de Vilademouros foi a Mangualde vencer por 3-1. E o Sporting de Lamego, em Gouveia, também alcançou bom triunfo: 1-0 sobre os Gouveenses.

Série 4.ª—O Lousanense, no campo do adversário, bateu o S. L. Marinha por 4-0 (outro excelente êxito). Mas já a Naval 1.ª de Maio não teve tanta felicidade, porque na Marinha Grande, diante do Marinhense, perdeu por 4-2. Em Coimbra, o Lusitano ganhou ao Caldas por 2-0.

ZONA C—Série 5.ª—1.ª sub-série—O Luso do Barreiro, no seu campo, mimoseou os Leões de Santarém com 3-0. O Futebol Benfica, de Lisboa, foi a Benavente arrancar um triunfo que se cifrou em 2-0. E o Cova da Piedade, na sua terra, não teve dificuldade em bater o S. L. Olivais por 4-1.

2.ª sub-série—O Sesimbra, que na última quinta-feira, em Almada, havia afastado da 3.ª Divisão o Seixal, ao batê-lo por 3-1, pôde ontem, no seu campo, arquivar novo êxito (4-2), desta vez sobre o Palmense. Em Cacilhas, o Ginásio do Sul bateu o Alcanenense por 4-1.

ZONA D—Série 6.ª—O Elétrico, de Ponte de Sor, permitiu no seu campo um empate de 2-2 ao Ateneu de Reguengos. O Portalegrense, diante dos rivais do Estrela, perderam novamente, no espaço de oito dias, desta vez por 2-0. Em Évora, o Juventude venceu por 4-2 o Estrela de Vendas Novas.

Série 7.ª—O Moura, no seu campo, venceu o Serpa por 1-0. E em Silves, o clube local ganhou ao Despertar de Beja por 4-0.

Entre equipas de regiões diferentes, que ontem se defrontaram, registou-se o seguinte:

Braga, 1 empate e duas vitórias; Vila Real, 1 empate e 2 derrotas; Porto, 1 derrota; Aveiro, 1 vitória; Viseu, 1 vitória; Leiria, 2 derrotas e 1 vitória; Coimbra, 2 vitórias e 1 derrota; Setúbal, 4 vitórias; Santarém, 3 derrotas; Lisboa, 1 vitória e 2 derrotas; Faro, 1 vitória.

Assinala-se que em 21 jogos, não conseguiram vencer em campo próprio oito clubes.

O Salgueiros ganhou no Ferrol

FERROL. 13.—O Salgueiros, do Porto, jogou ontem aqui um encontro amistoso com o Ferrol, com uma encheite e grande interesse local. Os portuenses ganharam aos de Ferrol por 5-2, e foram aplaudidos pelo público e homenageados pelas autoridades e clubes desportivos.—(Efe).

ACABA DE CHEGAR

NOVA REMESSA

DE MODIFICAÇÕES

SIATA

PARA MOTORES

FIAT 1100 e SIMCA 8

RESULTADOS ALÉM DE TODA A EXPECTATIVA COM POUCO DISPÊNDIO TERA' UM AUTOMÓVEL DE COMPETIÇÃO

GRANDE STOCK DE ACESSÓRIOS

BLOCO UNIVERSAL, L.ª — TEL. 27296

Representantes das principais fábricas italianas

Rua Alves Correia, 41, r/c. Frente — LISBOA

A festa ao octogenário Joaquim Duarte

Ao sr. Joaquim Duarte, industrial de olaria, que completou 80 anos de idade, e segue as tradições de uma casa que vem de 1835, foi ontem oferecido pelo pessoal das suas fábricas, um almoço de homenagem nos arredores de Lisboa. Assistiram 70 pessoas, entre elas os três filhos, três genros, um sobrinho e dois netos representando bisnetos do simpático industrial.

Fez-se representar o «Grupo Amigos de Lisboa». A festa decorreu em ambiente de família e de cordialidade, sendo oferecidos ao sr. Joaquim Duarte dois grandes ramos de cravos, pelo seu pessoal.

HOMENAGEM A UM ATLETA do Campo de Ourique

O Clube Atlético de Campo de Ourique promove depois de amanhã, às 21 horas, um festival nas suas instalações, em honra do seu jogador de óquei Armando Silva, que se despede da actividade. Na mesma ocasião será inaugurado o novo campo de basquetebol, instalado no rinque de patinagem. O programa inclui: às 21 horas, óquei em patins entre o C. F. Benfica e o Colégio Militar (campeão da 2.ª divisão), para disputa da «Taça C. A. C. O.»; às 22 horas, basquetebol, entre o Atlético Clube de Portugal e o C. A. C. O., disputando-se a «Taça Raul Cara de Anjo»; às 23 horas, homenagem a Armando Silva; às 23.30 horas, óquei em patins entre o S. L. Benfica e o C. A. C. O., sendo ao vencedor atribuída a «Taça Armando Silva». Nos intervalos haverá patinagem artística.

LUSO



T. da Queimada, 8-A
— Telef. 32889 —

Hoje: Noite Popular
Animador Filipe Pinto

CANÇÕES por Noémia Cristina. FADOS por Frutuoso França, Arlinda Vitória, Tristão da Silva, Aurora Sobral e o ás do riso António dos Santos, Solos por Camarinha e Pais da Silva.

AMANHÃ

AMALIA

(A ALMA DO FADO)

NUM VERDADEIRO AMBIENTE
CASTIÇO E SELECIONADO

AMALIA canta às 11 HORAS e à 1
HORA DA MADRUGADA

JULIA MENDES PARQUE MAYER

Às 21 e 30, Fados e Canções, por Quinta Gomes, Estela Alves, Emelina Lopes, Joaquim Silveirinha, Armando Dias, e o ás do riso Joaquim Cordeiro; Casimiro e Miguel Ramos.

Cave Regional do Porto

PRAÇA MARQUES POMBAL, 15
TELEFONE 47773



Hoje, NOITE de festa com a Estreia nesta cave, da muito consagrada artista

AURA RIBEIRO

que será acompanhada nos seus fados e canções por RAUL NERY e

FLÁVIO TEIXEIRA

Almoços, jantares e ceias num esmerado serviço de cozinha

AVENIDA

2 sessões às 20 e 45 e 23 h.

EVA E SEUS ARTISTAS
no tremendo êxito de gargalhada

AI, TERESA!

Sexta-feira, estreia da nova peça
«IA' IA' BONECA»

Maria Isabel de Aboim Inglez
VESTIDOS, CASACOS, TAILLEURS
R. Rodrigues Sampaio, 146, 2.º Esq.—Tel. 48307

TRINDADE - às 18 e 30 - TEATRO À TARDE

o grande êxito de gargalhada da
COMPANHIA ASSIS PACHECO

«O OUTRO ANDRÉ»

PREÇOS DE CINEMA

Princesas abissínicas no ARCADIA?

Teatros e Cinemas

Atras do reposteiro

Foi marcado para hoje o início dos ensaios das revistas que a companhia em organização de Rosa Mateus vai apresentar na sua próxima digressão à província.

—Para um negócio teatral que se deve efectuar no próximo ano, num teatro popular, está indicado o actor Emilio Correia.

—A estreia, no Teatro Maria Vitória, da comédia «O padre Piedade», deve efectuar-se no dia 24.

—Os artistas Maria Cristina e Gustavo Ré, vão desempenhar, na fantasia «Lisboa é coisa boa...», duas figuras que acompanham toda a representação, desde o primeiro ao último quadro.

—Com Alves da Cunha e Sara Vale nas principais personagens, pensa-se na realização cinematográfica da peça «As Duas Causas», do repertório do primeiro destes artistas.

—Na peça «Quero viver», que hoje entrou em ensaios no Teatro da Trindade, a primeira figura feminina, «Maria Helena», vai ser desempenhada pela actriz Emilia Baptista.

—Um dos finais da revista «Sempre em Festa», intitulado «Mulheres Portuguesas», foi inspirado num romance de Julio Dantas.

—A seguir à peça «Divórcio», em cena no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, a companhia brasileira de comédias apresenta a comédia «Chica boal».

—Os ensaiadores do poema e coreografia da revista «Porto-Benfica», em cena no Teatro Vale Formoso, do Porto, são respectivamente o actor Adriano Guimarães e o bailarino Soares Borba.

—Na revista «Enquanto houver Santo António», em últimos ensaios no Teatro Apolo, será apresentado um quadro de «marionettes», que será uma novidade no teatro de revista.

—A companhia de operetas e revistas que anda em digressão pela província, segue amanhã para Viseu, onde vai efectuar dois espectáculos.

—No avião da carreira, Porto-Lisboa, regressou o maestro Carlos Dias.

Teatro no Porto

«Porto-Benfica» no Vale Formoso

PORTO, 12.—O antigo conjunto de amadores «Galispes de Prata», de S. Mamede de Infesta, agora transformado em companhia profissional, levou à cena, no elegante Teatro-Cine Vale Formoso, uma revista em 2 actos, intitulada «Porto-Benfica», da autoria de Avelino Carneiro, que escreveu o poema e a música e ainda constituiu a empresa teatral que a pôs em cena. Não há dúvidas de que só por isso este autor, que outros trabalhos do mesmo género nos tem apresentado, tem faculdades de trabalho e de imaginação verdadeiramente notáveis. A revista agora apresentada não é melhor nem pior que as outras, apenas se apresentando interpretada por amadores ainda «em rodagem», misturados com alguns profissionais com regular quilometragem.

Além da revelação de alguns valores, como Helena Gonçalo, Olga França, José Neves e

APOLO 4.ª FEIRA, 15

ESTREIA
DA REVISTA POPULAR
**ENQUANTO HOUVER
SANTO ANTONIO**

com Irene Isidro, Laura Alves, Antonio Silva, Ribeirinho, Barroso Lopes, Carlos Alves

Bilhetes a venda — Esgotada a 1.ª noite

Teatro Nacional de D. Maria II

Hoje às 21 e 45 última representação da peça do Dr. Ramada Curto

As Meninas da Fonte da Bica

Amanhã e quarta-feira — «A Comédia da Morte e da Vida»

MARIA VITÓRIA

2 sessões, às 20 e 45 e às 23 horas

Extraordinário êxito da célebre e engraçadíssima comédia em 3 actos

«NINOTCHKA»

com Maria Matos, Vasco Santana, Eunice Muñoz, Igrejas Casiro e Maria Helena, nos principais papeis

mo interpretes, salientem-se alguns cenários de Gaspar Leorne, Mário Norton e Mário Alberto, francamente bons.

A revista tem numeros muito felizes e originais, focando vários aspectos da actualidade nacional e estrangeira, que merecem o agrado do publico.

Reapareceu Maria Aurora, feliz em todas as suas intervenções.

As duas apoteoses são boas, salientando-se a final, numa evocação a Guilherme Gomes Fernandes e aos bombeiros de Portugal.—G. C.

Teatro de amadores

«Já cá canta», no Variedades

Os jovens amadores do grupo cénico da Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora, confirmaram ontem, no palco do Variedades, os êxitos anteriormente obtidos, no seu ambiente familiar. Não fazemos referências especiais, pois todos se empenharam tanto quanto possível por agradar, o que efectivamente conseguiram, não só pelas elogiosas referências que o publico fez à saída, como pelas palmas em que não foi escasso, tendo sido bisados só alguns numeros, por o tempo não ter dado para mais.

No decorrer da sessão foi convidada a ir ao palco a jovem artista cinematográfica Maria Dulce, a quem foi oferecido um lindo ramo de flores.

O teatro de amadores continua, assim, em perfeita ebulição, num singular contraste com o teatro profissional, o que bem serve, para documentar que a crise, de que tantos falam, não resulta do desinteresse do publico pelo teatro. Procurem-lhes as verdadeiras razões—e deem-lhes depois o remédio. Se puderem e quiserem...

Um subsídio para auxiliar

a Companhia Brasileira de Comédias

RIO DE JANEIRO, 13.—O prefeito Mendes de Moraes assinou um decreto que manda abrir um crédito especial de 200 mil cruzeiros para auxiliar a excursão da Companhia Brasileira de Comédias a Portugal, onde representará peças de autores e motivos brasileiros e fará propaganda turística supervisionada pelo Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura, mantendo nos teatros em que funcionar exposições de fotografias dos pontos mais belos da cidade do Rio de Janeiro.—(L.)

Tercas-feiras classicas do Tivoli

O grande espectáculo de amanhã, dedicado a Bernard Shaw, com palestra de Eduardo Scarlatti

Realiza-se amanhã, às 18 e 15, com a colaboração do Instituto Britânico, um grande espectáculo dedicado a Bernard Shaw. O distinto locutor Fernando Pessa dirige o programa pela ordem seguinte: primeiro, projecção na tela, do retrato do imortal escritor, cuja voz, sincronizada, se ouvirá na sua mensagem sobre a língua inglesa; depois, o «Liberá-me», do «Requiem», de Verdi, segundo a sua última vontade; a seguir, palestra de Eduardo Scarlatti que versará o tema, «Bernard Shaw—afinal um grande poeta»; por fim, a exibição do filme extraído duma das suas melhores obras de teatro «César e Cleópatra», com Vivien Leigh e Claude Rains, premiado no Festival de Cannes.

Os bilhetes, a preços reduzidos, estão já à venda na bilheteira daquele cinema.

Imagem do dia

Começa esta noite, no TIVOLI, a segunda semana do monumental espectáculo em TECNICOLOR «A ROSA NEGRA»—depois duma primeira semana totalmente esgotada. Trata-se dum superfilme estupendo, com uma interpretação inigualável de TYRONE POWER, ORSON WELLES. Um enorme êxito de publico.

Tauromaquia

Manuel dos Santos em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 13.—A praça de touros desta cidade foi pequena para conter os milhares de aficionados que queriam assistir à segunda apresentação de Manuel dos Santos em Lourenço Marques. Dezenas de sul-africanos deslocaram-se especialmente para aplaudir o famoso matador português. Dez aviões com aficionados da União Sul-Africana aterraram no aeroporto de Mavalane. A enchente e a procura de bilhetes foram de tal ordem que os lugares normalmente reservados aos indígenas foram ocupados por europeus.

Manuel dos Santos alcançou grande êxito, mostrando-se muito valente e artista pundonoroso. Os touros eram maus e mansos e Manuel só conseguiu brilhar à custa de muito brio, que o levou a pisar terrenos impossíveis. Com o capote esteve luzido e pintureiro e com a muleta, especialmente no seu segundo touro, arrancou apoteóticas ovações ao publico, que invadiu a arena, passeando-o aos ombros, no meio de grandes aplausos e ao som de música. Com as bandarilhas, Manuel esteve brilhante, manifestando uma vez mais a sua grande classe.

Quando o espectáculo terminou, a multidão aguardou o espada português, levando-o, depois, aos ombros até ao «Café Scala», na parte baixa da cidade, num percurso de seis quilómetros, ao mesmo tempo que o aplaudia freneticamente. Manuel dos Santos vinha envolvido em braços de flores. Ao passar na Praça Mouzinho de Albuquerque, pediu que o deixassem ir colocá-las no pedestal do monumento do herói de Chaimite, gesto que lhe valeu novas e demoradas ovações.—(Lusitania).

A situação tauromáquica no México

MÉXICO, 12.—Após seis horas de tumultuosa reunião, um grupo numeroso de sócios do Sindicato dos Toureiros abandonou a sala quando se ia votar a confirmação do veto imposto à Praça Monumental. Ante tal atitude fica prejudicado o veto, alás inútil, porquanto o empresário daquela Praça, dr. Gaona, contratou toureiros no mercado-livre, e com não sindicados tem tido mais publico que a Praça antiga, de que é empresário o sr. Algara. Manuel dos Santos está contratado para a Praça Monumental.—(EFE).

A 4.ª da temporada no Peru

LIMA, 13 — Com touros de La Viña, mansos, deu-se a 4.ª corrida da temporada, registando-se boa entrada. Pepin Martín Vazquez fez «faena» adequada ao 1.º manso, sendo ovacionado. No seu 2.º esteve valente e voltou a ser ovacionado, com volta à arena.

Aparição deu volta à arena no seu 1.º e foi ovacionado no seu 2.º. Litri esteve valentíssimo no seu 1.º, citando ao natural a vinte metros de distancia e dando impressionantes «Manoletinas», pelo que foi muito ovacionado, mas no seu 2.º nada pôde fazer, por seu o mais manso dos da tarde, o que provocou grandes protestos do publico.—(EFE).

Café LATINO

R. FERREIRA BORGES, 60-68 — Tel. 62293

Todas as noites, às 21 h.,

Fados e Guitarradas com os

melhores artistas. Hoje Natividade Pereira,

Fernando Gasparinho, Mariana Silva,

Julio Vieitas, Sebastião Pi-

natividade Pereira res. Alexandre Cruz e Al-

bertino Vilar.

PELOS

Depilação indolor por processos modernos e rápidos

LAURA

Cabeleireiros LUIGI E NOGUEIRA

Rua Nova do Almada, 36-1.

Telefones 28465 — 29064

UM ÊXITO CRESCENTE no

EDEN

com o mais empolgante filme da actualidade

SEGREDO DE ESTADO

Uma grande criação de

Douglas Fairbanks Jr.

e GLYNIS JOHNS

Uma emocionante aventura repleta de acção!

Um filme que subjuga em cada cena!

PRODUÇÃO



HOJE NO
TIVOLI
COMEÇA TRIUNFALMENTE A
2.ª SEMANA

DO FILME MAIS DISCUTIDO DE TODOS OS TEMPOS
DEPOIS DE UMA SEMANA DE
Lotações Esgotadas



O grande monumento cinematográfico
do ano!

O filme das grandes aventuras
dos séculos!

Dois ingleses fogem da Inglaterra, quando normandos e saxões continuavam em luta. Juntam-se aos exércitos mongóis que vão conquistar a China e vivem as mais vibrantes aventuras.

Leiam o **SEMPRE FIXE**

OLIMPIA CLUB O «Dancing»
sempre em festa!

Um sensacional programa de novidades internacionais de que fazem parte os notáveis artistas **LOS VARGAS VASQUEZ** parêlha de bailes clássicos e espanhóis.

MARTA DE PRAGA — JULITA MANJON
ISABELITA TOMAZ — LIDIA LUSITANA — CARMEN UBILLA
e a insinuante vocalista de grande mérito **Melita Martin**



Só hoje e amanhã na matinee despedida do filme
Madame Bovary
com Jennifer Jones, James Mason e Van Heflin
«MATINEES» DIÁRIAS

T. 27172-A's 21 e 30

EDEN Segredo de Estado
Telet. 20768
A's 21.30
Um vibrante e astucioso filme com Douglas Fairbanks e Jack Hawkins
«Matinees» às 15.30 e 18.15

CONDES Miguel Strogoff
As 21.30
Telef. 22523
O extraordinário romance de Julio Verne em 3.ª semana, com Anton Wolbrook e Akim Camiroff
«Matinees» diárias

TRINDADE Frei Luis de Sousa
Telet. 20000
A's 21 e 30
Só até quinta-feira, últimas exhibições com «Matinees» diárias
Hoje, às 18 e 30, Teatro pela Companhia Assis Pacheco com a farsa de gargalhada «O outro André»

REX SUA ALTEZA E O CRIADO
Telet. 29656
A's 21 e 15
Ao toque do clarim

LIS Se minha mulher soubesse...
Telet. 48560
A's 21 e 15
A rua sem nome

TERRASSE AMOK, o doido da Malásia
Telet. 20917 — A's 21 e 15
A BATALHA

TIVOLI A Rosa Negra
Telet. 50595
A's 21.30
Um arrebatador technicolor com T. Power e Orson Welles
«Matinees» diárias

Politeama FURIA SANGUINARIA
HOJE ÀS 21.30
As 18.15 (preços reduzidos) O MESMO FILME
O assombroso êxito com James Cagney e Virginia Mayo

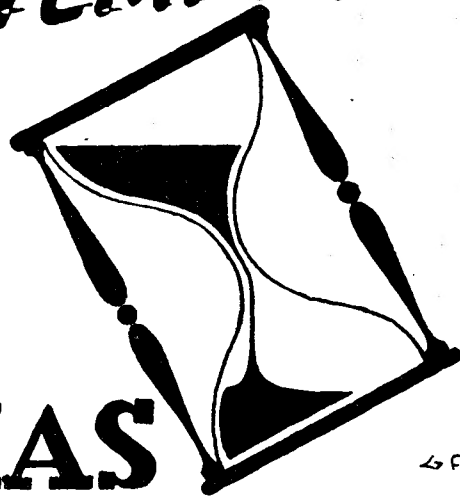
SÃO JORGE A GLORIA DE AMAR
Tel. 54153-54154
Sessões às 15 - 18 - 21.30
2.ª SEMANA DE ÊXITO
com Errol Flynn, Greer Garson e Walter Pidgeon

CAPITOLIO TARZAN E A ESCRAVA
A's 21 e 30
Telet. 27493
Um êxito em cheio! com Lex Barker e Vanesa Brown

ODEON O REI
AS 21 e 30
PALACIO Uma comédia parisiense com Maurice Chevalier
AS 21 e 30 «Matinees» diárias

CASINO ESTORIL Casei com um comunista
A's 21 e 30
com Robert Ryan

O TEMPO PASSA



MAS A RECORDAÇÃO DO SEU
PERFUME JÁMAIS ESQUECE

Essência
POMPEIA

Para se apreciar a distinção e a singular «finesse» que caracteriza os produtos de beleza **Piver**, basta usar a **Essência Pompeia**, autêntica maravilha de perfumaria de todos os tempos

L.T. PIVER

PERFUMA O MUNDO HA



MAXIME O MELHOR PROGRAMA
DE MUSIC-HALL EM LISBOA

A TRIUNFAL ATRACÇÃO COREGRAFICA ALEMA

NOVE ESCULTURAIS
BAILARINAS
NUM
SURPREENDENTE
CONJUNTO

**BALLET
KALSKY**

Maravilhoso!
Luxo e Arte!
Dinamismo!

Her. Oro-ello-Rosita Catalá-Ester de
Murillo-M. y Sol-Carmelita de Cordoba

Charito Moreno-Hermanas Tamayo-Rosita
Marfil-Gitanilla de Monterrey-Isabelita
Guerre

Música constante pelas Orquestras

FERNANDO DE CARVALHO e TROPICAL-BOYS com o cantor
ARTUR RIBEIRO

PELES

Casacos, Capas, Jaquetas, Estolas, etc.
ATELIER PROPRIO
Astrakans, Vizons, Castores, Raposas, etc.
PELEIROS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
Av. Defensores de Chaves, 32, r/c. D.
Telefone 70296

DANCING DE LUXO **ARCADIA** VARIEDADE:
A's 0.30 e 2.15

SUCESSO GRANDIOSO DO
**BALLET
HELIOS**

ROSA ESTRELLA
MARY-MELY, HERM. BARON

PERLA LEVANTE - LOLITA CRUZ
MARY ARILA - MARISSA MAR
PAULETTE - ANA MARIA

2 Orquestras **NOCTURNOS e ARCADIA**

A Cova do Vapor está ameaçada pelas águas que invadem os areais e destroem as casas

O pequeno aglomerado de casas de madeira que constitui a Cova do Vapor e a Lisboa Praia, para juízo da Trafaria, está ameaçada pelas águas vivas das últimas marés. O mar, por um lado, e a corrente do Tejo, por outro, põem em perigo a existência daquelas duas modestas povoações, que constituem o logradouro de muitas famílias de trabalhadores lisboetas, impossibilitadas de procurarem, no Verão ou nos dias soalheiros de Inverno, outras estâncias de repouso. Com razão, ou sem ela, a verdade é que os moradores temporários da Cova do Vapor atribuem o perigo que ameaça a povoação às avultadas quantidades de areia que dali têm sido extraídas nos últimos tempos, para várias obras em curso na margem direita do Tejo e até para a praia do Estoril.

É recente a fundação da Cova do Vapor. Há de haver, talvez, uns quinze anos que alguns grupos de populares se afastaram das praias da Trafaria e da Caparica, buscando nos areais mais próximos do Bugio o isolamento próprio para as suas excursões dominicais ou para os modestos veraneios das suas escassas férias. A pouco e pouco, foram surgindo ali as barracas de madeira, implantadas sem preocupações urbanísticas, sem grandes cuidados arquitectónicos. Uma pequena enseada, aberta pela «chupadoura», que ali fora buscar areia para as grandes obras do porto de Lisboa, proporciona excepcionais condições de atracção para os modos os veraneantes e um abrigo excelente, que começou a atrair os amantes de vela e da pesca.

No local, foi surgindo, assim, lentamente, uma pequena povoação, sem a disciplina dos aglomerados geométricos, a que a construção de uma ponte de atracção e o estabelecimento de carreiras da Parceria deram, definitivamente, condições de vida.

Hoje, a Cova do Vapor, virada ao Tejo, e Lisboa Praia, com face ao Oceano, constitui já um aglomerado da população, que alcança, sobretudo, no Verão, certa importância, devido às condições favoráveis do aluguer do terreno—pago a 2500, por ano, o metro quadrado—sem mais formalidades do que uma licença relativamente fácil de obter na Capitania ou na Administração Geral do Porto de Lisboa, conforme a casa. Muitos operários construíram ali, por suas próprias mãos, os seus pequenos «bungalows», mas, entre as quatro centenas de casas que se erguem no vasto areal, destacam-se já algumas casitas mais cuidadas, dalgum novo veraneante mais endinheirado.

A população das duas povoações gémeas tem, principalmente, caracter temporário. A maioria dos seus habitantes só no Verão ocupa as casitas de madeira construídas sobre a areia, a curta temporada dos seus contados dias de férias, ou num período subsequente, em que, por uma noite tranquila, à beira-mar, se pagam correrias e as canseiras de um vai-vem incómodo para Lisboa. De contrário, só nalguma visita dominical se abrem as portas das simpáticas casinhas e as duas minúsculas povoações retomam uns ares de vida, com certa animação nos seus improvisados estabelecimentos.

Recentemente, as necessidades de areia para obras de grande vulto, em que a Administração do Porto de Lisboa está empenhada, obrigaram a novas extracções de areia no local, considerado o mais propício para o efeito. Os trabalhos, que se verificaram principalmente do lado do Tejo, provocaram um desgaste demasiado, que prejudicou a estabilidade dos areais, de tal modo que as águas, encontrando menor resistência, começaram a sua perigosa invasão. Nos últimos dias, com o mar mais picado e as marés vivas, foram arrasadas algumas barracas e outras estão em perigo iminente, uma ameaça que se estende sobre todo o aglomerado, invadido, em três ou quatro pontos, pelas ondas revoltas. Proprietários dalgumas barracuinhas situadas na zona mais perigosa procederam já à sua transferência, mas a ameaça prossegue, com tal capricho que não se pode prever até onde irá a destruição do mar. Terão a Cova do Vapor e a Lisboa Praia os seus dias contados? Em nome dos modestos habitantes das duas povoações, erguidas pelas suas mãos, chamamos a atenção das entidades competentes, na esperança de que seja possível encontrar uma forma de deter o avanço destruidor das águas.

Uma boa esposa tudo merece!

A melhor compensação para tão sublime afecto é uma linda jóia da Grande Ourivesaria da Moda

Rua da Prata, 257.

O relatório de Gordon Gray sobre o auxílio Marshall comentado em Londres e Washington em face das novas realidades

LONDRES, 13.—O relatório apresentado por Gordon Gray ao presidente Truman sobre o auxílio económico à Europa para além do termo do Plano Marshall, em 1952, foi hoje muito comentado na imprensa britânica.

Os jornais, em artigos de fundo, julgam que a actual situação política americana é um obstáculo à execução das propostas de Gordon Gray, conselheiro especial do presidente Truman.

O «News Chronicle» declara que a Grã-Bretanha e o resto do Mundo aguardariam com grande ansiedade o que resultaria do relatório de Gray. O programa exposto no relatório é considerado pelo «News Chronicle» o projecto básico de direcção económica e da sua execução como responsabilidade planificada de escala até hoje não atingida.

«Fica de pé a pergunta—será essa responsabilidade aceite?» — diz o «News Chronicle». «As recentes eleições americanas suscitam dúvidas a esse respeito. O presidente Truman

terá de travar dura luta, quando apresentar as suas propostas ao Congresso».

«Se a Grã-Bretanha necessitará ou não de auxílio Marshall, em 1952, é uma pergunta a que ainda não se pode responder, embora possamos todos ter esperanças de que não necessite desse auxílio. Porém, seja como for, nós e o resto do Mundo aguardaremos com grande ansiedade a sorte reservada ao relatório de Gray».

O «Financial Times», depois de declarar que o relatório contém muitas recomendações «valiosas e sensatas», diz: «Na nova atmosfera política criada em Washington pelas recentes eleições, parece certo que surgirão dificuldades, especialmente por parte dos sectores da opinião pública americana que estão convencidos de que a Europa Ocidental não está a fazer um esforço máximo para a sua defesa. A América está a fazer esforços tão prodigiosos para a causa comum que tem o direito de esperar que os seus associados da Europa Ocidental vão até ao ultimo limite para conseguir a mais completa e melhor utilização dos seus próprios recursos. Todavia, muitos americanos não estão por forma alguma satisfeitos sobre esse ponto e poucas dúvidas pode haver de que a execução de parte considerável do relatório de Gordon Gray dependerá de maior integração económica europeia do que está previsto para futuro imediato».—(R.).

Comentários americanos

NOVA YORK, 13 — O «New York Times» diz hoje que o mérito do relatório de Gray, preconizando a continuação do auxílio à Europa durante mais três anos, residia «nos seus princípios e não na infabilidade de quaisquer propostas especiais».

O relatório, elaborado por Gordon Gray, conselheiro do presidente Truman sobre a política económica a seguir depois do termo do Plano Marshall, foi aqui publicado esta manhã.

«Todavia, o relatório expôs, duma maneira geral, o âmbito da missão que temos de enfrentar» — descreve o jornal. «Revela o sonho agradável do próximo regresso a uma economia internacional normal. Reconhece a unidade essencial—baseada em perigo e esperanças comuns—do mundo livre».

«Diz-nos qual a carga que teremos de suportar. A política externa de Truman será alvo de violento tiroteio de parte do Partido Republicano, quando se reunir o 82.º Congresso. O relatório de Gray poderá ser atacado por essa facção por pôr de parte o Japão como quase solvente e por, com excepção dos parágrafos relativos ao quarto ponto, pouca importância dar ao Oriente, em geral. Porém, estamos convencidos de que esse documento merece estudo cuidadoso e imparcial. A única alternativa é fechar os olhos e andar à deriva ou, então, pedir aos que rejeitarem o plano Gray que apresentem outro em sua substituição».—(Reuter).

Por morte do autor não houve julgamento do enfermeiro que matou a mulher

No 3.º juízo criminal da Boa-Hora, em audiência colectiva, sob a presidência do juiz sr. dr. Lucena e Vasconcelos, estava marcado para hoje, às 14 horas, o julgamento de José Domingos Isidro, de 52 anos, de Santo António do Tojal, empregado exemplar do hospital Curry Cabral, que praticou um crime gravíssimo. A fatalidade bateu-lhe à porta numa noite em que, como sempre, vigiava os doentes — os seus amigos de todos os dias. Mas, o Destino não quis que o Isidro prestasse contas à justiça dos homens e a morte levou-o antes de começar o julgamento.

A hora marcada para começo dos trabalhos, compareceram inúmeras pessoas que figuravam como testemunhas de defesa do réu — médicos, o fiscal do hospital Curry Cabral, enfermeiros, enfermeiras, oficiais do exército, etc. Surgiu a seguir o sr. dr. Fernando Correia Santos, patrono do Domingos Isidro, que deixou transparecer certa magua. O tribunal conhecia, aliás, a tragédia, que só agora está suficientemente esclarecida. No dia 1 de Abril do ano passado, estando o Isidro de serviço no hospital, alguém, numa brincadeira de mau gosto, fez um telefonema anónimo a comunicar que sua mulher, Lucrécia de Jesus, de 55 anos, natural de Cernache de Bonjardim—considerada um modelo de virtudes—praticava uma falta incorrecta com a cumplicidade de João Ribeiro. O Isidro perdeu o uso das suas faculdades, abandonou o seu posto e dirigiu-se à residência, na Rua Portugal Durão, 36, cave, esquerdo, onde encontrou a sua companheira a dormir tranquilamente. Num momento de desvario, estrangulou a Lucrécia, que estava inocente do acto que lhe era atribuído. Seguidamente, o Isidro entregou-se à prisão. Apurou-se depois que se tratava, realmente, duma brincadeira de mau gosto, cujo autor nunca se chegou a descobrir.

O Domingos Isidro deu entrada na cadeia de Caxias, manifestando sempre a sua paixão pela vítima, o seu arrependimento. Começou então a dar indícios de doença e declarou a greve da fome—tornou-se, enfim, um farrapo humano—até que ontem surgiu a notícia da sua morte. O funeral já se realizou. Feita a comunicação da morte do Isidro, a audiência foi suspensa e o processo será arquivado.

A resposta dos ocidentais à proposta soviética • para uma reunião dos 4

PARIS, 13 — As trocas de pontos de vista que houve recentemente por via diplomática entre Londres, Paris e Washington acerca da oferta soviética duma conferência dos quatro, concluíram, segundo se soube nos círculos bem informados, pelo abandono da ideia duma «resposta de espera» que precede a resposta definitiva. Considera-se, com efeito, que a resposta de espera—aceitação a princípio de ideia duma conferência dos Quatro—já foi dada pelas declarações oficiais ou oficiais ou porta-vozes autorizados.

Constitui, por exemplo, resposta de espera suficientemente clara o discurso pronunciado ontem em Thionville por Robert Schuman.

A resposta definitiva concretizará as condições de que se acompanha a aceitação de princípio e está actualmente em preparação.—(F. P.).

Eisenhower pensa que falta um acordo básico para a defesa da Europa

OKLAHOMA CITY, 13 — O general Eisenhower declarou que havia um «mal-entendido» sobre as notícias publicadas na semana passada de que, em breve, iria desempenhar um cargo militar na Europa. Disse não ser o momento de fazer conjecturas sobre se ele iria comandar uma força da Europa Ocidental, se ela fosse organizada.

«Devem estabelecer-se certos acordos políticos básicos, antes de haver uma zona de defesa do Pacto do Atlântico Norte. Não podemos discutir sistemas de defesa ou personalidades, antes de ser estabelecido esse acordo».

O general Eisenhower fez esta declaração, ontem, numa conferência da imprensa. Disse não haver, actualmente, forças armadas suficientes na Europa Ocidental para a proteger de uma nação atacante mais forte. «O facto de ser impossível, de momento, defender determinada área com as forças de que se dispõe, não significa, forçosamente, que essa área seja indefensável».—acrescentou.—(R.).

Morte de um soldado no quartel de Beja

BEJA, 13. (Pelo telefone).—Esta madrugada, na padaria do quartel de Infantaria 3, desta cidade, o soldado António João, de 22 anos, natural da freguesia de Pereira, concelho de Ourique, que se encontrava de guarda ao paiol, foi vítima dum desastre com arma de fogo, tendo morte imediata. O funeral realiza-se amanhã.

ACABA DE APARECER

A «CHAVE» MATEMÁTICA
— DE —

NUNO GONÇALVES

no altar de S. Vicente na Sé
de Lisboa, por
Almada Negreiros

1 bela «plaquette» ilustrada, 20\$00.
A venda nas livrarias. Pedidos ao
depósito: Livraria Sá da Costa,
Rua Garrett, 100

«TELEON e arte abstracta»
pela B. B. C. de Londres
nos dias 17 e 25 de Novembro



PASSAGEM DE MODELOS

5.ª feira, 16, às 15.30

NOS

Grandes Armazens

do Chiado

A QUAL SE DIGNA ASSISTIR
A ILUSTRÍSSIMA SENHORA
Dona MARIA DO CARMO DE FRAGOSO CARMONA

Princesas abissínias no ARCADIA?

Lucília Simões voltou

após vinte meses de Brasil
e não sabe se vai nem se fica

— porque em Teatro ninguém sabe o seu futuro!



LUCILIA SIMOES

descrença tão grande como a sua saudade do palco. Em dois anos, apenas uma vez representou. Fez um papelito insignificante e engrandecido pelo seu talento de comediante, no centenário de Machado de Assis, quando a sua novela «Helena» foi teatralizada. O resto do tempo foi gasto a ensaiar sete ou oito peças, algumas delas para o repertório que vai ser apresentado em Portugal por Eva Todor e os seus artistas. Modestamente, Lucília diz que não fez nada de novo, que se limitou a respeitar os passos da companhia e a sua estrutura, tão sólida, tão disciplinada, tão perfeita, que ao fim de 15 ou 20 ensaios, quando uma peça vai à cena, dá a impressão de que tem meses de representação...

Um sol quente, espedido sobre o Tejo que lhe fica fronteiro, entra pelas janelas abertas da salinha de Lucília—essa salinha de tão encantadora intimidade, já cantada por prosadores e poetas. Era disto, da casa e da família, que Lucília tinha saudades. As saudades da terra compensava-lhes o Brasil de que ela tanto gosta e onde vive tão bem e onde tem tantos amigos que já os trata por parentes.

—Os pequenitos da família amiga com quem vivia chamavam-na «vóvó». E a mãe garante que virá cá vez-me, se eu não voltar com a querida Eva Todor...

—E o teatro do Brasil também a compensa do teatro que não tem em Portugal?

—O Brasil gosta de teatro. As experiências multiplicam-se para todos os gostos e camadas sociais, desde o «teatrinho de bolso», teatro de elite que encontra ainda assim todos os dias público para encher a sua plateia minúscula, até ao teatro de rádio. No teatro experimental, desempenhado por numerosos «actores-amadores» de situação estável, visto que trabalham com continuidade, intervêm muitas vezes as mais prestigiosas figuras da rádio, onde o teatro, ou antes, a novela, tem um público fiel de todas as condições sociais. As empregadas domésticas—as servicais—que chegam a ganhar mil escudos de ordenado e, às 8 horas da noite, dão as suas tarefas por ultimadas, quando firmam os seus contratos, põem logo a condição de ter as suas horas da rádio... Quer dizer, o direito de ouvir todos os programas de novelas. E eles são tantos que só a Rádio Nacional contrata uns 90 actores e actrizes...

Se me perguntar que género de novelas são essas, dir-lhe-ei que todos, incluindo tragédias horribles, com muitos mortos, coisas que ninguém se resolveria a ir ver ao teatro e que na rádio adquirem um prestígio galvanizante. É um verdadeiro paradoxo, não lhe parece? No palco, o público insiste em ver «coisa que o distraiam», nada de peças tristes nem que o façam pensar, embora, por vezes, apareçam casos de «curiosidade» colectiva... Por exemplo: São Paulo, durante meses, correu a ver um camador representar o «Hamlet». Era um estudante de Direito, salvo erro, que deixou o curso pela carreira do teatro profissional, onde depois o vi desempenhar com êxito o teatro de Goldoni. Esse «fenômeno» de curiosidade pública é Sérgio Cardoso e vale a pena fixar-lhe o nome porque tem muito valor. «As árvores morrem de pé», de Casona, foi outro caso estranho que aconteceu o público, durante meses, e teve um despenho notável, da parte da companhia Dulcina-Odi-lon. E se quer outro caso típico dos êxitos do teatro brasileiro, aí tem esse jovem e talentoso actor, Adolfo Mayer, que, sózinho, durante meses também, entusiasmou o público, representando «As mãos de Eurídice»... O Brasil já hoje se pode orgulhar de ter os seus artistas de elite para um público de elite, não discutido se às vezes um bocadinho «snob» mas que chega para encher os teatrinhos de Copacabana, como quando representaram com enorme êxito «Um Deus dormiu lá em casa», alta comédia que saborosamente renova as sugestões do velho Anfitrião...

Lucília cala-se—ela que tem tanto ainda que dizer! E que ninguém insista para que fale mais. Parece que tem lágrimas a sua voz de menina—menina que vê o Sol a erguer-se do outro lado do Atlântico e que deste vai descendo num ocaso sem glória... Onde está o cavaleiro andante do teatro que acorra a «depôr-lhe aos pés honras, glórias e amor?

—Por que não «bre fogo, em lugar de esperar pelo dos outros?

Lucília tem um ríznho que quer dizer muita coisa—sobretudo desilusão e experiência...—quando repete muitas vezes:

—Deus me livre! Deus me livre!

E, além de tudo o mais, a resposta de Lucília quer dizer que o mais certo será que, a partir de Dezembro, voltará a prender-se a um novo contrato de ensaiadora—ela que tanto calor humano guarda no coração para animar tantas figuras de ternura...

Perguntamos-lhe se trouxe peças, se viu alguma coisa no Brasil que gostasse de representar entre nós e ela que não chega a precisar o gosto que poria em fazer a bela peça de Casona «As árvores morrem de pé», refere-se, concretamente, «A fronteira», do escritor paulista Menotti del Picchia.

—Há ali uma figura de velhinha que eu gostava de fazer... Mas acredito tão pouco nas possibilidades actuais do teatro, que nem sequer trouxe a peça, imagine!

Lucília não esconde a sua descrença—uma

Uma exposição de livros para crianças na Embaixada dos Estados Unidos

Na sede dos serviços de Imprensa da embaixada americana, onde funcionou a legação da Alemanha, a Rua Pau de Bandeira, abriu hoje, sem cerimónia especial, uma exposição de livros para crianças, arrumados, não por idades, mas por assuntos.

Foi sua organizadora «miss» May Stilwell, coadjuvada pela segunda bibliotecária dr.ª D. Marília Guerra, que reuniu cerca de 500 volumes dos quais 200 vindos especialmente dos Estados Unidos.

Contos regionais e biografias de homens célebres; histórias de animais; livros de estampas e de ficção; e, finalmente, livros de divulgação e iniciação científica que incluem leituras amenas sobre astronomia, mecânica, física, medicina, filologia, etc., eis o que profusamente se arruma em estantes e mesas de todas as alturas e tamanhos.

A exposição, que não constitui, é evidente, uma expressão total do que a grande América pensa e faz a favor da literatura infantil, constitui, em todo o caso, uma valiosa síntese reveladora do carinho dos seus educadores, servidos por um alto desenvolvimento técnico. Efectivamente, a impressão de textos e a reprodução de gravuras são de uma sugestiva beleza e de um atraente interesse—não apenas para os pequenitos—mas também para os adultos.

As histórias de animais, amorosamente ilustradas, ocupam um lugar muito especial nas estantes infantis americanas, vendo-se, ainda, em lugar de honra, alguns dos livros de contos e de estampas, premiados oficialmente, com as medalhas Caldecott e Newberry, pelo Comité da American Library Association.

As fábulas de Esopo, algumas edições especiais de Mark Twain, de Marjorie Kinnan Rawlings e Washington Irving, uns porque pertencem à Literatura clássica americana e universal, outros porque revelam um amoroso sentido de formação moral, como «Little Women», de Louise May Alcott, constituíram, por certo, os primeiros ensaios dos rapazes e das raparigas da América para penetrar no mundo grande das criações do espírito.

«Make friends with book»—é a legenda que preside a esta exposição dedicada, sobretudo, às crianças das escolas portuguesas, especialmente convidadas, e que estará patente ao público, até ao dia 18, das 9 às 13 horas e das 15 às 19.

A situação no Tibet

O invasor entrou em Lhasa

KALIMPONG, 13 — Segundo afirmou um informador geralmente fidedigno desta cidade, as «tropas populares» tibetanas, chefiadas pelos chineses, entraram em Lhasa e cessaram as hostilidades. A notícia diz que a Assembleia tibetana aceita as propostas chinesas sobre o futuro estatuto político do Tibet.

A POSSE DE GETULIO VARGAS

RIO DE JANEIRO, 13.—A cerimónia da posse de Getúlio Vargas da Presidência da República promete constituir verdadeira manifestação de simpatia por aquele estadista e de unidade pan-americana. Além do presidente da Argentina, general Peron e sua esposa, sabe-se que virá especialmente a esta capital para assistir aquele acto o presidente Vilela, do Chile. A cerimónia da posse realizar-se-á nesta cidade, no dia 31 de Janeiro.—(Lusitania).

Tito declara que um abismo separa a Jugoslávia da Rússia soviética

FRANCFORT, 13 — Numa recente entrevista concedida em Belgrado, aqui publicada hoje, o marechal Tito declarou a um correspondente da agência noticiosa ocidental alemã DPA que a controvérsia entre a Jugoslávia e a União Soviética «não era uma questão de família, mas sim um profundo abismo».

O marechal disse que a Jugoslávia estava disposta a apoiar as Nações Unidas na execução das decisões da maioria sobre o conflito da Coreia, mas acrescentou não contar com que tropas jugoslavas tivessem de colaborar na luta contra um agressor, fora do Sueste da Europa.

«A Jugoslávia estará disposta a aceitar créditos estrangeiros, mas sem compromissos políticos ou económicos».

O marechal Tito declarou ser partidário do estabelecimento de relações amigáveis com a Alemanha e que estava prevista uma amnistia aos prisioneiros de guerra alemães, que foram condenados na Jugoslávia. Não havia ódio à Alemanha por parte da população da Jugoslávia, que desejava ver com brevidade uma Alemanha unida, por, na sua forma actual, a Alemanha constituir um perigo semelhante à Coreia.

Não podia dizer se, nas circunstâncias actuais, a Jugoslávia contribuiria com tropas para um exército permanente das Nações Unidas. «Somos contra a constituição de blocos, mas somos a favor da Organização das Nações Unidas»—acrescentou.—(R.).

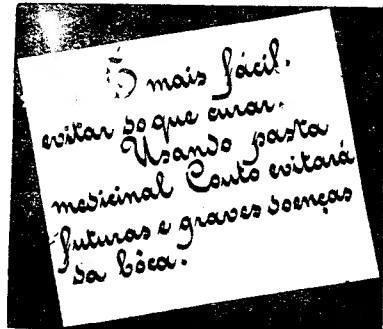
Os rebeldes do Nepal

avancam sobre Katmandu

PATNA (Norte da Índia), 13.—Segundo notícias aqui recebidas, os revoltosos nepaleses, vindos de três direcções, estão a tentar cercar Katmandu. Estão a preparar-se para avançar de Palpa, 160 quilómetros a Oeste da capital, Birganj, cerca de 80 quilómetros ao Sul e Biratnagar, 140 quilómetros a Sueste. O objectivo do ataque é cortar as comunicações vitais para Katmandu e evitar que as forças do Estado nepalês caminhem da capital para Noroeste.—(Reuter).

O Governo do Nepal pediu auxílio ao Governo indiano

BIRGANJ, 13.—Segundo informaram círculos do Congresso nepalês, o Governo do Nepal pediu hoje auxílio ao Governo indiano, nos termos do tratado entre os dois países.—(Reuter).



ROSICLER

Casa especializada em artigos de Vestuário para Meninos

Rua da Assunção, 71

Tel. 30209

(Junto a R. Augusta)



Whisky Escocês Genuino —

JOHNNIE WALKER

BORN 1820 — STILL GOING STRONG

John Walker & Sons, Ltd., Scotch Whisky Distillers, Kilmarnock, Scotland.

Leiam o jornal humorístico
«SEMPRE FIXE»



Cinco lugares — Suspensão independente à frente — Alavanca de mudanças na coluna da direcção — Travões hidráulicos — Carrosserie de construção monobloco

SÓLIDO ■ ECONÓMICO ■ CÓMODO

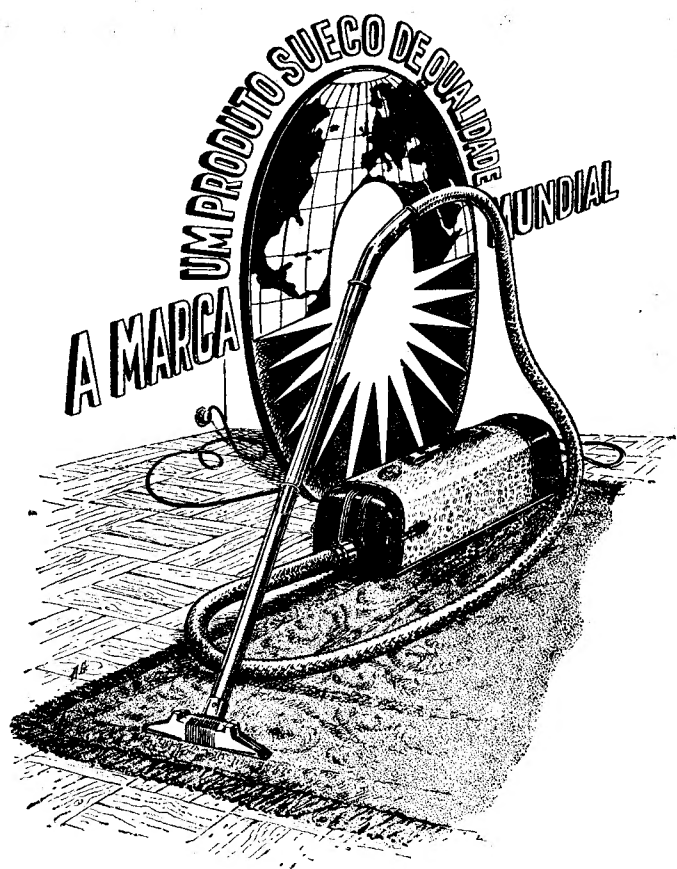
MORRIS Oxford

DISTRIBUIDORES GERAIS:

A. M. ALMEIDA, LDA.

RUA ESCOLA POLITECNICA, 39

LISBOA



ELECTROLUX, LIMITADA

LISBOA

EXPOSIÇÕES:

Rua Pascoal de Melo, 7

Telefones: 48378 / 50516 / 54130

Avenida da Liberdade, 141

Telefones: 28246 / 32901

LIGEIOS
PESADOS
MOTOS

INSTRUÇÃO

Organização da
CASA A. VIEIRA
Rua D. Pedro V, 5

CASINO ESTORIL

PROGRAMA DA SEMANA

Cinema às 21 e 30 horas

Segunda-feira, 13: «Casei com um comunista», com Robert Ryan e Laraine Day; Terça, 14: «A minha mãe é caloiira», com Loretta Young e Van Johnson; Quarta, 15: «No brejo de campeão», com Robert Ryan e Audrey Totter; Quinta, 16: «Tão perto do coração», com Bobby Driscoll e desenhos de Walt Disney; Sexta, 17: «Na corte do rei Arturo», com Bing Crosby e Rhonda Fleming; Sábado, 18: «Todos os que falaram morreram», com Glenn Ford e Nina Foch; Domingo, 19: «A tortura da carne», com Akim Tamiroff e Gladys Georges. Às 16 horas, Tarde infantil — Desenhos coloridos.

●Aos Domingos: De Tarde — Chá-Dança Todas as Noites — BAILE.

Orquestras:

ALMEIDA CRUZ
e ASES DO RITMO

RESTAURANTE

«CAPRISTANOS»

CALDAS DA RAINHA

O MAIS MODERNO, ACOLHEDOR E DISTINTO RESTAURANTE DA PROVÍNCIA
AMBIENTE AGRAVAVEL
DISCRETO E CONFORTAVEL
ÓTIMO SERVIÇO DE MESA
ALMOÇOS E JANTARES
NOVAS E MAGNÍFICAS INSTALAÇÕES DE BAR E CAFÉ
TELEFONES:

2125—Bar e Café
2135—Restaurante

Ellen Louisa English

Died suddenly Nov. 12 at the British Hospital. Funeral British Cemetery Nov. 14 at 12.30 p. m.

AGENCIA BARATA

TODAS AS MANHÃS

LAMINAS DE BARBA «DIAMON»

A única com 2 gumes diferentes:
1 para cada passagem.

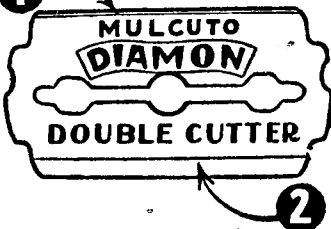
Vasconcelos & F. Pinto, Lda.

Lisboa — R. dos Fanqueiros, 65 4.º — Telefone 28422

Luciano Matos & C.ª

Porto — R. Sá da Bandeira, 42 — Telefone 24880

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA E ARMAZENS



CAPITÃO DE FRAGATA

Manuel Fernandes Nogueira Leite

Funcionário das Companhias Reunidas Gás e Electricidade FALECEU

Ana Nogueira Leite e esposo, António Nogueira Leite e esposa, Fernando Mota Nogueira Leite e esposa, José Carlos Nogueira Leite e esposa e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido filho, irmão, tio e parente, e que o funeral terá lugar amanhã, pelas 11 horas, saindo da Igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA BARATA

Julio Celestino Montalvão e Silva

Missa do 30.º dia

Sua viúva, filhos e netos mandam rezar missa na igreja de Benfica, amanhã dia 14, pelas 11 e 30, horas, pelo seu eterno descanso.

Antecipadamente agradecem a todos que se dignem assistir a este piedoso acto. Agradecem também, muito sinceramente a todos que o acompanharam a sua última morada, pedindo desculpa de qualquer falta nos agradecimentos feitos directamente, por ignorancia de moradas.

Amadeu Ferreira Counhago

A Sociedade Campo Pequeno, Lda., cumpre o triste dever de participar o falecimento do seu querido amigo e colaborador, chefe dos camaroteiros da Praça do Campo Pequeno, Amadeu Ferreira Counhago, realizando-se o seu funeral, amanhã, terça-feira, às 16 horas, da casa mortuária do hospital de S. José, para o cemitério do Alto de S. João.



Os grupos artísticos e os caminhos de ferro

Podem fazer as suas deslocações por preços reduzidos os grupos artísticos

Organização e funcionamento das instituições

ligadas à actividade da lavoura britânica

(Continuação da 1.ª página)

mente determinados por um programa que chegava à minúcia de prever que, á medida que o tempo passasse, já eu podia andar sem companhia... Cabe a este departamento de visitantes do British Council a tarefa de organizar programas para quantos visitam a Inglaterra a seu convite e há-de convir como isto deve ser complexo, se admitirmos os milhares de pessoas que por ali passam, interessadas em milhares de especializações... Não é disto, porém, que eu desejaria falar, embora me sirva de pretexto para desde já dizer quanto fiquei grato áqueles que me proporcionaram esta visita, nomeadamente os directores do Instituto Britânico e do British Council.

Um cadastro da propriedade

E o sr. eng. Henrique de Barros enumera, entre os muitos departamentos do Estado, centros rurais e universitários que visitou, alguns daqueles que pela sua importância mais o impressionaram, desde a London School of Economics, da Universidade de Londres, onde esteve com o prof. Dudley Stamp, a quem se deve a organização da carta agrícola da Grã-Bretanha. A Economic Division, do Ministério da Agricultura, á qual compete a preparação de todo o material estatístico e de inquérito destinado á discussão anualmente realizada entre os representantes do Estado e dos agricultores, para fixação de preços de todos os produtos agrícolas, foi outro dos mais interessantes centros visitados pelo sr. prof. eng. Henrique de Barros.

Eis como ele exprime, entretanto, as suas impressões, no que respeita, precisamente, ás funções deste departamento.

—Todos os anos, em Fevereiro, os técnicos da lavoura e os representantes dos lavradores se reúnem para a fixação destes preços, depois de inquéritos prévios, sistemáticos e que abrangem toda a produção agrícola, com excepção dos produtos hortícolas. Noventa por cento dos lavradores do Reino Unido pertencem hoje á National Farmers Union. Mas, para lhe dar uma ideia exacta da isenção destes inquéritos anuais, feitos não empiricamente, mas por métodos científicos, dir-lhe-ei que são efectuados pelas Universidades, pois o facto de estas não serem organismos do Estado nem órgãos da lavoura, lhes confere uma neutralidade digna de todos os créditos. E se quiser ter uma ideia do que verdadeiramente representam estes inquéritos, acrescentarei que cada professor de economia agrícola tem por sua conta 20 ou 30 funcionários, pagos pela Universidade e por um fundo especial que lhe concede o Ministério da Agricultura, embora, no rigor da palavra, este nem sequer intervenha na sua administração. Por outro lado, é interessante esclarecer que estes inquéritos abrangem de tal modo toda a máquina da produção agrícola que, ao ser fixado um preço, sabe-se imediatamente quais os efeitos produzidos nos outros produtos. Destes inquéritos e destes tabelamentos, nascidos com as necessidades criadas pela guerra, resultou um desenvolvimento da economia agrícola, cujo significado me permito destacar.

O regime universitário

E o sr. eng. Henrique de Barros acrescenta: —Visitei numerosos centros. Mas limitar-me-ei a referir os departamentos de economia agrícola das Universidades de Londres, Reeding, Aberdeen, do País de Gales, em Aberystwith e Oxford. A propósito, lembrarei que as Universidades do Reino Unido são organismos privados e com fundos próprios, algumas delas datando já do século XIII. A Universidade de Oxford é um dos primeiros proprietários rurais no Oxfordshire e é curioso assinalar o prestígio de que o estabelecimento goza na região, pelas suas tradições administrativas, pois traz inúmeras terras arrendadas. Por outro lado, é curioso referir a inabalabilidade das tradições liberais do ensino superior, documentando-a com este facto: durante séculos, as Ciências e as Letras cultivavam-se com um relativo desafogo económico, visto que não se havia entrado ainda no caminho dispendioso do ensino científico da Física atómica, por exemplo. Mas, chegando aqui, as Universidades viram-se diante de um dilema: ou renunciar ás suas investigações, por falta de fundos, ou obter estes recorrendo ao auxílio do Estado, o que significaria uma intervenção deste nos destinos de estabelecimentos privados. Levantou-se uma campanha e encontrou-se uma solução: criou-se uma comissão, eleita pelas Universidades do Reino Unido. E seria esta comissão que receberia do Estado os fundos necessários, com o encargo de os distribuir pelas Universidades, sem que tivesse o direito de intervir nos desti-

nos destas. Assim se decidiu, assim se tem feito e assim se manteve a honrosa tradição do regime liberal... É por isso que ainda hoje qualquer funcionário universitário pode declarar com energia como eu ouvi: «y am not a civil servant!», ou seja, eu não sou um funcionário publico...

—Pode, portanto, concluir-se que o regime universitário é de um certo desafogo...

—Um desafio que permite conceder bolsas de estudo a cerca de 50 por cento dos estudantes, não obstante um curso superior não custar menos de uns 80 mil escudos...

A colonização da terra

Perguntámos ao professor Henrique de Barros se podemos considerar a lavoura inglesa um instrumento do dirigismo trabalhista, mas ele diz-nos que não, pelo menos no sentido total da expressão.

—E compreender-se-á—acrescenta—que a definição não virá a propósito, se se prestarem mais estes esclarecimentos: durante a guerra, os serviços especializados do Ministério da Agricultura tinham verdadeiros poderes compulsivos. A base cadastral desses serviços deralhes um evidente processo de conquista, na avaliação da produção e na racionalização desta. A assistência técnica passou a fazer-se por sistema e de acordo com o conhecimento exacto das possibilidades da terra, muitas, é certo, mas nessa altura pouco dignificadas, pois a lavoura só conquistou o seu prestígio, a partir do momento em que se reconheceu ser necessário evitar a importação de produtos alimentícios. E aquilo que durante a guerra tinha carácter obrigatório—passou hoje a fazer-se por hábito. Noventa e cinco por cento dos lavradores ficaram, por livre arbítrio e por hábito, a recorrer aos conselhos dos serviços especializados do Ministério da Agricultura—e se de fora ficaram cinco por cento, direi que me explicaram ser apenas para manter as tradições do liberalismo inglês. Assim é possível que aquele departamento saiba quanto recolhe cada propriedade e aconselhe novas experiências, se a prática não deu os resultados convenientes.

A pergunta sobre as condições da lavoura inglesa e o aproveitamento da terra, responde o sr. prof. eng. Henrique de Barros que existem em Inglaterra departamentos privados, de algum modo parecido com a nossa Junta de Colonização Interna que, agindo com rapidez e segurança, está a operar uma notável transformação na economia agrícola do Reino Unido.

Esse departamento chama-se a *Division Settlement Association* e foi fundado, há uns vinte anos, por um grupo de homens altruístas que, para debelar a terrível crise económica de 1930, davam dinheiro para a compra de propriedades rurais. Dividiam-nas e cediam-nas, a título de arrendamentos suaves, ás legiões de operários desempregados. Mas aconteceu, que estes, como as suas mulheres, eram gente de outros climas, habituada a centros populacionais com cinema, lojas de compras e vida de sociedade. E tudo isto fez que a ideia fracassasse, visto que esses homens não se adaptavam á terra. Evidentemente, quando falo em fracasso não quero dizer «totalidade». A ideia foi ficando de pé e hoje é um departamento fundamental na organização da lavoura inglesa. A *Land Settlement Association* continua a ser particular, mas recebe subsídios importantes do Ministério da Agricultura, para a aquisição de terras, agora divididas pelos ruralistas com 5 anos, pelo menos, de prática agrícola. E, a propósito, é interessante recordar um fenómeno especial que me apontaram: os impostos sobre as grandes propriedades são tão elevados, que os donos das terras só têm uma aspiração: ver-se livres delas. Vendem-nas então ao Estado que os sobrecarregava com impostos, o que motiva a verdadeira planificação verificada na economia agrícola inglesa. Devo acrescentar, como subsídio para a compreensão deste fenómeno, um outro exemplo típico do povo britânico: o camponês é tradicionalmente conservador, mas aceita muito grato tudo quanto o trabalho lhe tem concedido para erguer a alto nível indiscutível, a sua posição

económica e social, com o publico aplauso do conservantismo. Não se julgue, entretanto, que os seus votos vão por gratidão para os trabalhistas, porque é engano: votam no sr. Churchill... Se me perguntarem como se explica esta atitude, responderei com as respostas que me deram: a independência política do povo é indiscutível, os trabalhistas continuarão na aplicação das suas medidas revolucionárias á espera dos votos que um dia possam vir e os conservadores aplaudem-nas porque, tratando-se de benefícios, sabem que desgostariam os seus eleitores, negando a excelência do que lhes é concedido...

«O Estado benfeitor»

—Já agora, em que se traduzem esses benefícios?

—Concessão de terrenos a baixos preços, casa com todas as comodidades, incluindo água corrente, em propriedades divididas em regra, por vinte lotes. Em cada um destes núcleos vive um «manager» que presta assistência técnica e toma a seu cargo, com grande escrupulo, a comercialização dos produtos. São estes que lhes fornecem as sementes, os adubos e tratam depois da venda da produção, numa escala grande. Num destes núcleos encontrei um «manager», o sr. Defreits que me cumprimentou com grande deferência e calor, dizendo-me com orgulho ser de origem portuguesa. Onde, não sabia. Mas o Defreits pode muito bem indicar que um sr. «de Freitas», talvez do tempo do duque da Terceira, emigrou um dia para Inglaterra e lá ficou preso dos seus verdes prados... Este, aliás, não foi no género o unico caso que encontrei. Travei conhecimento com uma senhora que tinha o apelido Sants, cuja avó portuguesa assinava Santos. E se quer outro nome de inglesa que falou ao meu coração de português, citar-lhe-ei a sr.ª Gallop, do corpo de guias do British Council que foi designada para me acompanhar. Fala português, porque aqui esteve três anos com um falecido diplomata, seu marido, autor de um terno livro intitulado «Portugal—a book of folk-ways»—ou seja, «Portugal—livro de costumes populares».

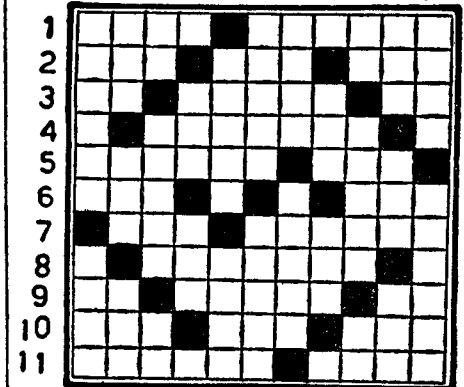
Perguntando se o cooperativismo agrícola na nossa velha aliada tem desenvolvimento de acordo com o progresso da lavoura, o sr. prof. eng. Henrique de Barros disse-nos que não e justificou assim o facto:

—Com excepção do País de Gales, onde mais de 80 por cento da lavoura vive em regime de cooperativas, nos restantes países do Reino Unido o cooperativismo foi dominado pelo chamado «Estado benfeitor» que retardou a sua expansão. Ainda assim, foi necessário criar associações centrais de cooperativas—uma espécie de federação... Encontrei, mesmo, no País de Gales, cinco cooperativas de produção integral, isto é, no que respeita á utilização das alfaias, sementes, forragens, gado, alimentação e amanho de terra que é trabalhada em comum. Cada lavrador tem a sua casa e, no fim, nas colheitas, recebe de acordo com o trabalho que realizou durante o ano... Mas, aparte estes casos especiais, há outros de carácter geral, como seja o da produção do leite que é obrigatoriamente vendido ao Estado por bom preço. Um fundo especial de compensação permite que esse leite bem pago chegue depois por baixo preço ao consumidor, assim se protegendo a agricultura, sem o aumento do custo de vida. Tudo isto faz que os 10 por cento da população, que se dedica á lavoura interesse fundamentalmente ao país. A mecanização da agricultura—ao entrar-se na guerra, verificou-se que não havia charruas, porque se cuidava apenas de preparar pastagens... aumentou a produção hoje são centenas e centenas de milhares as máquinas aplicadas na lavoura. A montagem de estufas, com aquecimento a vapor, é também uma prática generalizada, sobretudo para produtos pomicolas, hortícolas e de jardinagem. —Tudo isto—conclui o prof. eng. Henrique de Barros—faz da lavoura inglesa o verdadeiro factor económico que consoladoramente verifiquei na minha visita e que sensibilizadamente confesso áqueles que se derem á leitura do que vai escrever da nossa longa conversa...

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 2931

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Cidade santa da Arábia. 2—Poe-te na rua! Oxido de cálcio. 3—Pena. 4—Domingo em que a Igreja festeja a entrada de Cristo em Jerusalém. 5—Batráquio. 6—O mesmo que colorir. 7—Arquipélago da costa da Guiné. 8—Isoladas. 9—Mágoa. 10—Patriarca célebre pela sua resignação. 11—Doença. **VERTICAIS:** 1—Cidade de Espanha. 2—Rio do N. de Portugal. 3—Gavinha. 4—Titulo honorífico. 5—Pronome possessivo. 6—Aqui. 7—Ilha do Arquipélago dos Idolos. 8—Cidade da antiga Caldeia. 9—Lista. 10—Ver. 11—Endurecimentos nos ossos. 12—Movimento (neol). Da cor da cera. 13—Ilhas. Nome de uma letra (pl.). 14—Pedra de domínio. 15—Anda de rastros. 16—Apenas. 17—Pedra de domínio. 18—Anda de rastros. 19—Apenas. 20—Oferecer. 21—Ruido. 22—Alcool de melão. 23—Verbal. 24—Aerolito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2930
HORIZONTAIS: 1—Beira. 2—Condé. 3—Osso. 4—Cor. 5—A. 6—Sacia. 7—Mãe. 8—Quadro. 9—Rita. 10—Sanca. 11—Sá. 12—Em. 13—Serra. 14—Lá. 15—Ai. 16—Sedes. 17—Arca. 18—Sáraga. 19—Ali. 20—Serem. 21—Si. 22—Aro. 23—Acre. 24—Amora. 25—Usais.
VERTICAIS: 1—Bosque. 2—Assa. 3—Esquí. 4—Mar. 5—Im. 6—Isca. 7—Iça. 8—Roidas. 9—Alar. 10—Arnés. 11—Iral. 12—Ores. 13—Com. 14—Ardas. 15—Orar. 16—Aereas. 17—Eis. 18—Sarça. 19—Dá. 20—Tal. 21—Geri. 22—Essa. 23—Aramés.

BLUSAS PULL-OVERS
A MAIOR VARIEDADE
TORRE EIFFEL
104, Rua do Carmo, 106

BIGORNAS E CAVALETES
EM AÇO DE ALTA RESISTENCIA
TRATADO
A MELHOR QUALIDADE
EM TODOS OS MODELOS
SÓ PARA REVENDA
ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
R. ACADEMIA DAS CIENCIAS, 5 • LISBOA
TELEFONES 31710 • 31719 • 31719
CAIXA POSTAL 402

CASINO-ESTORIL
Hoje—No Grande Salão Restaurante
Jantar Concerto e Balle
COM A ORQUESTRA **ALMEIDA CRUZ**
—//—
O animador **M A X**
nas suas engraçadas Imitações e canções da Madeira e
o grande êxito do CASINO ESTORIL
Júlia Barroso
em canções populares portuguesas
—//—
No Wonder-Bar: **ASES DO RITMO**
e o mesmo programa de variedades
PREÇOS: No Grande Salão Restaurante:
Entrada livre; No «Wonder Bar», Consumo mínimo, 25\$00.

LONGINES AUTOMATICO
O RELOGIO MAIS PERFEITO DA ACTUALIDADE
SUAS CARACTERÍSTICAS
Dispositivo exclusivo Longines, que garante o desenvolvimento concêntrico, força motriz constante e estabilidade de afinação.
Protegido contra a poeira e humidade.
Duplo sistema de protecção contra choques.
Vidro inquebrável muito claro.
Antimagnéticos.
Acciona a corda por si próprio sem barulho.
Reserva de corda para 36 horas.
Montado em 17 rubis.

Policlinica de Arroios
Praça do Chile, 14, 1.º—Tel. 42414
Dr. Aires de Sousa—R. X. e Radioterapia—16 h
Dr. Alves de Freitas—Clínica geral—18 h
Dr. Cabral Sacadura—Cir. geral e partos—17 h
Dr. Dias Amado—Análises clínicas—14 h
Dr. João dos Santos—Doen. nerv. e mentais—18 e 30 h.
Dr.ª Laurinda Alambre—Doen. seniores—13 h
Dr. Luís Andrade—Ouv., nariz e garganta—18 e 30 h.
Dr. Mário Ruas—Rins e vias urinárias—17 h
Dr. Monteiro Grillo—Doenças dos olhos—16 h
Dr. Parada de Oliveira—Doen. crianças—12 h
Dr. Pina Monteiro—Coração e pulmões—17 h
Dr. Ramo Chaves—Pele e sífilis—15 h
Nebulizações de penicilina.

DE LUTO

Manuel Fernandes Nogueira Leite



Faleceu o sr. Manuel Fernandes Nogueira Leite, de 44 anos de idade, natural de Lisboa, funcionário da Comp.ªs Reunidas Gás Electricidade, irmão do conhecido desportista António Nogueira Leite, chefe dos Serviços Sociais da C. R. G. E., tio dos srs. Fernando Mota Nogueira Leite, funcionário da mesma companhia, e do sr. José Carlos Mota Nogueira Leite, funcionário do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa. O funeral, a cargo da agência Barata, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da igreja dos Anjos, para o cemitério do Alto de S. João.

José Vaz de Almada

RIO DE JANEIRO, 13 — Em consequência de um atropelamento, faleceu nesta cidade o jornalista português José Vaz de Almada, casado, de 54 anos. O acidente verificou-se na Rua Riachuelo, quando aquele jornalista atravessava aquela artéria. O motorista, após o atropelamento, imprimiu maior velocidade ao automóvel, pondo-se em fuga.

José Vaz de Almada, socorrido por populares, foi transportado ao Hospital do Pronto Socorro, onde faleceu pouco depois.

Era sócio efectivo da Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais, tendo escrito várias revistas e comédias e traduzido muitas peças esparholas e norte-americanas. Foi, também, secretário artístico da companhia da actriz Itália Fausto. Como jornalista, exercia, ultimamente, a sua actividade no jornal «A Voz de Portugal».—(Lusitania).

Amadeu Ferreira Counhago

Causou dolorosa impressão nos meios bancários e taurómicos a notícia do falecimento do antigo banqueiro e actual bilheteiro da empresa do Campo Pequeno, Amadeu Ferreira Counhago, geralmente estimado pelas suas boas qualidades de carácter e coração. O funeral saí amanhã, às 16 horas, da capela-mortuária do hospital de S. José para o cemitério do Alto de S. João.

Candido Eduardo de Freitas

FUNCHAL, 13.—Faleceu nesta cidade o sr. Candido Eduardo de Freitas, de 82 anos de idade, notário aposentado, pai do dr. Frederico de Freitas e sogro do sr. tenente Carlos Moniz Teixeira e do industrial de bordados sr. João Maria Passos Henriques.

O sr. Candido Eduardo de Freitas, que era uma figura muito respeitada e estimadíssima em toda a Madeira, deixa viúva a sr.ª D. Adelaide Augusta Cunha Freitas e era tio do sr. prof. dr. Paulo da Cunha, ministro dos Negócios Estrangeiros.

Manuel Crispim Gomes

Com 81 anos de idade, faleceu nesta cidade o comerciante sr. Manuel Crispim Gomes, figura muito estimada na Madeira. Era pai das sr.ªs D. Alcinda Martiniana Gomes e D. Laura Gomes Pereira e sogro do comerciante Alberto Anselmo Pereira.—(L.).

Manuel Fernandes Leite

Faleceu hoje o sr. Manuel Fernandes Leite, de 44 anos, funcionário das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, pessoa muito digna e estimada, de trato afável e bondoso, que por isso mesmo desfrutava muitas simpatias, tornando muito sentida a sua morte.

Era irmão do sr. António Nogueira Leite, funcionário superior daquela Companhia e elemento muito conhecido nos sectores desportivos. O seu funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA MAGNO

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Telefones — 43180-43189-55301

R. DE SANTA MARTA, 52-A, 56-A

A MAIOR ORGANIZAÇÃO

COMERCIAL NO GENERO

PROCESSADO POR FALSIFICAR a sua documentação militar

A Polícia Judiciária recebeu, enviado pela comarca do Sabugal, um processo em que a Junta de Recrutamento n.º 15, de Castelo Branco, denuncia Joaquim Augusto Clemente de ter falsificado a sua documentação militar. O curioso da falsificação consiste em ter o Joaquim Augusto Clemente substituído a palavra *isento* pela de *apurado*, isto é, tendo ressalva de serviço militar, quis prestá-lo ou, pelo menos, passar por homem útil para defender a Pátria.

Dois homens atropelados pelo mesmo automóvel

AMARANTE, 13 (Pelo telefone).—Um automóvel conduzido pelo chefe da Repartição de Finanças de Chaves, atropelou, no lugar do Salto, da freguesia de S. Gonçalo, desta vila, dois indivíduos, ambos do lugar das Vendinhas, José Carvalho e Joaquim Teixeira. O primeiro sofreu fractura das duas pernas e o segundo, de algumas costelas. Ignoram-se pormenores do duplo desastre e as condições em que se deu.

Portugal, no coração e no olhar...

por GRACIETTE BRANCO

Não sei a que estranha lógica se obedece ou a que incompreensível sentido de vaidade, não isento de ignorância, quando certos portugueses, visitando Paris todos os anos e conhecendo de cor os múltiplos atractivos da Cidade-Luz, ignoram, no entanto, que Portugal existe em beleza, encanto e civilização, ainda para além de Lisboa!

Há poucos semanas, dizia eu para alguém conhecido:

—Vou passar uns dias á Figueira da Foz. Numa atitude de estranha piedade, ouvi a seguinte pergunta:

—E pode viver-se aí, por algum tempo? Figueira é uma praia, não é verdade? Mas... é praia e campo? Como é isso?

Foi a minha vez de mostrar compaixão e perguntar á «snob» e ignorante criatura:

—O quê?! Você não conhece a Figueira?! A praia magnífica, de maravilhosas esplanadas, de imponente casino, de aspecto alegre e lavado, de belos pontos e de ilimitados horizontes?!... O rosto do meu antagonista manifestava um espanto tão duvidoso, que fiquei impressionado!

—O quê?!—exclamou.—A Figueira é isso tudo? Você não estará atacada de bairrismo? Portugal, minha querida amiga, é apenas Lisboa, e os Estoril. Tudo o mais são aldeias, aldeias primitivas, absurdas, onde é impossível encontrar beleza e civilização!

Eu tenho, por vezes, impetos de mau génio e de verbosidade um tanto ofensiva, que só á custa de alguns princípios educativos e de grande auto-domínio consigo reprimir.

Prolonguei, pois, por alguns segundos um silêncio de recuperação de atitude, transporte para os subterrâneos da minha vontade todos os lampejos de ódio com que o meu instinto iluminara a minha inteligência e perguntei numa voz cava, que um sorriso impiedoso mesclava de cinismo:

—Você não conhece Portugal, além de Lisboa?! Você desconhece o prazer dum passeio de automóvel por este Portugal maravilhoso?!

«O Ribatejo, colorido e alegre, com as suas intermináveis lezírias e as aguarelas dos seus campos, de barrete verde e barra vermelha, seguindo, em frisos artísticos, nas longas estradas verdejantes?»

«Você desconhece o encanto das Beiras, com suas variadas paisagens duma beleza ora delicada, ora violenta, seus doces regionais, suas pontes pitorescas, de onde o olhar avista os mais preciosos recantos, lá muito em baixo, com casinhas engraçadas brincando junto a regatos?»

«Você desconhece a Serra da Estrela?! As Penhas Douradas, de onde se abarca, com a vista deslumbrada e o coração palpitante, todo o belo-horível de precipícios, despenhadeiros, covis e cavernas, sombras e luz, altitudes fantásticas, cenários de sonho, onde, a par de assustador abismo, canta a delicada voz duma fontezinha tranqüila?»

«Você desconhece a grandiosidade triste e pesada de Trás-os-Montes, belíssima na sua imponência de montanhas sobrepostas, nos seus silêncios profundos que murmuram estranhos segredos, sepultos há milénios nos escumbros das suas penedias e nos mistérios das suas sombras cerradas?»

«Paisagens trasmontanas de evocações remotas, onde deparamos com velhinhas de faces de pergaminho, fiando em suas rocas delicadas e mostrando-nos os seus doces e tristes sorrisos, onde palpita já um vago prenúncio de Eternidade?»

«Aldeias, longe do Mundo, da Vaidade e do Pecado, maravilhosas de silêncio, de religião, de almas e pensamentos puros, de ideias primitivas e nobres!»

«Você desconhece o Minho alegre, festivo, saltitante, cheio de cor, de mocidade, ressoando a gaitas de folas, a bombos, a fogo de artifício (como não há melhor em toda a Europa), as chinelas a estalar nos lajedos das eiras, a beijos ao luar, a cantigas ao Sol, a Vida, o Amor, o Sonho, a Primavera?»

«Viana, com seu palácio histórico dos Tavoras, a sua Santa Luzia de vista deslumbrante

e magnífico cenário de turismo, elegância e civilização?»

«Em Braga, o Bom Jesus, o Sameiro e depois esse desfile de praias modernas, arejadas, pitorescas: Moledo, Ancora, Póvoa, Cabedelo, Ofir, Vila do Conde, Foz, Espinho, Costa Nova, Figueira (a bela e saborosa Figueira, cujos frutos são perfumados a Sol!...)»

«Você desconhece a Bairrada, o Luso, o Buçaco, com seu aristocrático hotel gótico e suas matas frondosas, semelhantes a Sintra maravilhosa?»

«Você desconhece os Castelos de Portugal, com o de Leiria, de todos o mais belo, dominando a encantadora cidade, onde o rio Lis canta a suave e eterna canção da saudade e do amor?»

«Você desconhece a Batalha, com seu belíssimo mosteiro evocativo da glórias portuguesas? O pequeno lugar de «S. Jorge», com a sua ermida, tendo a bilha de água sempre fresca para o caminhante sedento e onde D. Nuno Álvares Pereira fazia as suas preces de santo e de soldado?»

«Alcobaça, a dos lenços e das louças, doadora e engraçada, romântica e amorosa, na palpitante sempre viva dos trágicos amores de Inês e de Pedro?»

«Você desconhece o Algarve?! A Praia da Rocha, Sagres, Quarteira, Armção, Monte Gordo, Faro, Vila Real de Santo António, de mãos dadas com a Espanha, no abraço fraternal de Ayamonte?»

«Você desconhece tudo isto?»

«Então ouça e não julgue que faço reclame comercial ou que pertenço a qualquer secção de turismo:

—Meta-se no seu automóvel e siga por terra portuguesa; aspire o perfume nacional, admire as suas belezas, observe os seus progressos, deslumbre-se com os seus encantos e orgulhe-se de ter nascido neste jardim á beira-mar plantado!

E quando alguém lhe disser:

—Vou passar uns dias á Figueira da Foz, responda, sem hesitar:

—E faz você muito bem! É uma praia admirável e uma cidade encantadora!

GRACIETTE BRANCO

A cabeceira de uma doente

Não pára a generosidade dos nossos leitores que, tão comovidamente, têm acudido á cabeceira de uma pobre menina, tuberculosa, na flor da juventude, que os médicos ainda esperam salvar. Num lar de miséria, onde não há recursos para comprar remédios para a infeliz doentinha, os vossos obolos, que agradecemos, são a esperança da cura e o enxergar das mais pungentes lágrimas.

De Avó da Miné, 100\$00; e de V. de Tina-lhas, 50\$00; a transportar, 3,710\$00.

O PREÇO DO PAPEL

O Grémio Nacional dos Editores e Livreiros comunica-nos e pede-nos que se torne publico ter sido autorizado pelo sr. ministro da Economia a declarar que não tem qualquer fundamento o boato corrente de que vai aumentar o preço do papel de impressão.



REALÇA A HARMONIA E O ENCANTO NATURAL DA MULHER

A semana do contribuinte

De 13 a 19 de Novembro de 1950

IMPOSTO COMPLEMENTAR

REGULAMENTO APROVADO PELO DECRETO N.º 36.420, DE 17 DE JULHO DE 1947

DAS DECLARAÇÕES DOS CONTRIBUINTES

Artigo 13.º—Declaração de residência e dos factos tributários—MODELO N.º 1

No mês de FEVEREIRO de cada ano:

A apresentar por todas as pessoas singulares ou colectivas que sejam colectadas, no continente ou ilhas adjacentes, em CONCELHOS ou BAIRROS diferentes dos da residência ou sede por qualquer das contribuições e impostos mencionados no artigo 3.º, nas respectivas secções de finanças, em duplicado, contendo a indicação da sua residência ou sede principal, da secção de finanças onde apresentam a declaração nos termos

do artigo 14.º—DECLARAÇÃO DE RENDIMENTOS — CONTRIBUINTES INDIVIDUAIS—MODELO N.º 2; ou

do artigo 15.º—SOCIEDADES E DE MAIS ENTIDADES COLECTIVAS—Declaração MODELO N.º 3; e SOCIEDADES ANÓNIMAS OU EM COMANDITA POR ACCÕES—declaração do MODELO N.º 4,

e dos nomes em que têm sido lançados os impostos por que são responsáveis.

Nota—Serão RENOVADAS NO MESMO MÊS DOS ANOS SUBSEQUENTES, sempre que se dê alteração em qualquer dos elementos que delas constem (§ 2.º).

Excepção: Exceptuam-se do disposto no corpo deste artigo os contribuintes tributados em imposto profissional nos termos do artigo 10.º do decreto-lei n.º 33.735, de 26 de Junho de 1944 (ASSALARIADOS)—Pagamento do imposto profissional por desconto nas remunerações que percobam).

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL E IMPOSTO PROFISSIONAL

Cessação da actividade tributável no período que decorre de 25 de Novembro até 31 de Dezembro de cada ano. Participações.

Verificada a cessação das actividades tributáveis em referência, e tendo-se participado o facto dentro do prazo legal — 15 dias cortados da cessação — durante aquele período até 15 de Janeiro do ano seguinte, desde que, como se disse a cessação se dê em 31 de Dezembro do ano corrente, não é necessário reclamar sobre a anulação de colectas, competindo á respectiva secção de finanças retirar os conhecimentos do lançamento e proceder á sua anulação «ex-officio».

Decreto r.º 17.730, de 7—12—1929, artigo 2.º e § 5.º.

Boletim da Direcção Geral das Contribuições e impostos, de 1944, a p. 109 e de 1946, a p. p. 415/418.

NOTÍCIAS DE ALCOBAÇA

ALCOBAÇA, 11.—Promovido por uma comissão de sócios do Ginásio, realiza-se em breve num dos principais restaurantes desta vila, um banquete de homenagem aos valerosos elementos do Ginásio Clube de Alcobaca, que tão brilhantemente ganharam o Campeonato Distrital de Futebol, sendo já grande o numero de inscrições.

—Em frente do Café-Restaurante Trindade, desta vila, foi recentemente inaugurado um «placard», noticioso, cuja falta há muito se fazia sentir, está a cargo do sr. Fernando António Alves.

—Passaram por esta vila, tendo visitado de memoradamente o mosteiro de Santa Maria de Alcobaca, 300 peregrinos irlandeses, que se dirigiam a Fátima.

—Foi nomeado encarregado do posto médico de Aljubarrota, o enfermeiro sr. Alfredo dos Reis.

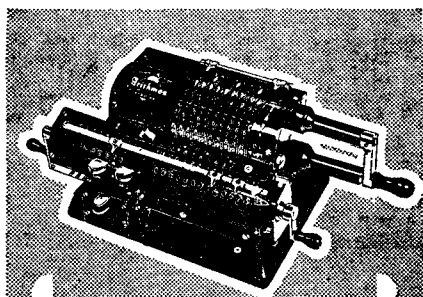
ILHAVO VAI PRESTAR homenagem a Alexandre da Conceição

ILHAVO, 13.—A Camara de Ilhavo vai promover a trasladação dos restos mortais do illustre poeta ilhavense Alexandre da Conceição, do cemitério de Viseu para o de Ilhavo. Foi companheiro de Camilo, com quem teve, aliás, rija polémica, Teófilo e Ramalho. Foi devido a uma intervenção sua que Eça de Queirós modificou o fecho primitivo de «O Crime do Padre Amaro». Ilhavo vai prestar ao seu poeta, uma justíssima homenagem.

SOCIEDADE MÉDICA dos Hospitais Cívis

No hospital dos Capuchos realiza-se na próxima quinta-feira a sessão inaugural do ano, da Sociedade Médica dos Hospitais Cívis, com as seguintes comunicações: «Estudo radiológico do edema latente» e «Tratamento da miastenia pela enervação sinu-carotídea», pelos srs. prof. dr. Diogo Furtado e dr. Filipe da Costa, e «Tratamento cirúrgico da paralisia do grande dentado», pelo dr. Paiva Chaves.

MÁQUINA DE CALCULAR



Arithmos

Um conjunto de precisão mecânica e simplicidade de manejo

SILENCIOSA • RÁPIDA • RESISTENTE

ESTABELECIMENTOS SIDA, LDA.

R. DE S. NICOLAU, 44-46 • TEL. 22504 • LISBOA

DISTRIBUIDORES NO NORTE

ARAÚJO & SOBRINHO, SUCRS. • LARGO DE S. DOMINGOS, 50 • PORTO

QUESTÕES DE FINANÇAS

O plano da administração nacional

Data da época da revolução inglesa do século XVII o princípio de o Estado fazer a estimação dos seus recursos financeiros num documento sujeito à aprovação das assembleias políticas e designado por orçamento.

A técnica da sua feitura evoluiu na medida do avanço dos conhecimentos científicos e das exigências políticas, estabilizou no século XIX e oferece-se em nossos dias com características uniformes em todos os países.

O liberalismo afastava-se intencionalmente, na sua essência e nos seus fins, de todos os processos que de alguma maneira aflorassem sequer as razões nacionais, que então já se impunham, para que o Estado interviesse com disciplina própria na actividade económica e social da Nação, mantendo-se assim até à actualidade o carácter exclusivamente financeiro do orçamento.

O sentido político no governo dos povos transmutou-se em profundidade depois da convulsão de 1914-18, atingindo com a ultima guerra delicadíssima viragem denunciante de novos caminhos num horizonte pleno de novidade.

Com efeito, o Estado, limitado, até então, ao exercício dos seus fins específicos, vivia alheio aos problemas económicos e sociais e, por isso, lógico era o seu comportamento na ordem financeira, quando afastava da sua ética planos económicos ou sociais que mais pareciam caber à iniciativa privada do que à coisa pública.

A Administração movia-se no plano das necessidades do Estado cifradas no orçamento, e os seus agentes viviam intensamente a dominante preocupação de fazer entrar nos cofres públicos os meios financeiros indispensáveis à sua satisfação.

Vivia-se exclusivamente na órbita do evento financeiro, sem quaisquer relações de subordinação ou interdependência no domínio das questões económicas ou sociais.

Tinhamos então duas soberanias, assim pode dizer-se — a do Estado e a da Nação; a primeira efectiva, a segunda potencial, praticamente inexistente.

Porque o Estado é a Nação juridicamente organizada, é intuitivo que o divórcio entre um e outra determinaria perigos para os interesses comuns.

Esta verdade de tanta claridade manifestou-se com extraordinário brilho nas ruínas da ultima conflagração mundial, fazendo ver, em todos os sectores do pensamento político, que os problemas em causa não eram só problemas de Estado, pois ofereciam muito maior amplitude: eram, sim, problemas da Nação.

O orçamento anualmente elaborado já não correspondia ao que dele legitimamente exigia o consenso geral dos políticos e dos técnicos, porque a moldura em que se implantava não consentia a exposição dos novíssimos aspectos que o plano da administração, não já do Estado, mas, agora, nacional, tornava imperioso exhibir.

As restrições de ordem política submergiram-se nas exigências de ordem técnica e de colaboração internacional, e é assim que vem a verificar-se unanime e calorosa defesa da nova metodologia orçamental, na busca da solução dos problemas contemporâneos.

As circunstâncias determinaram, pois, que a fase financeira do orçamento cedesse o passo à fase económico-financeira, isto é, que o orçamento do Estado se substituísse pelo orçamento da Nação, constituindo-se neste documento o verdadeiro plano da administração nacional.

O orçamento da Nação, abrangendo além do orçamento do Estado outras actividades mais directamente relacionadas com os problemas vitais do País, nas quais se inscrevem os planos económicos de fomento e de investimento de capitais e os planos financeiros do imposto e da dívida pública, oferece uma flexibilidade

que, se lhe tira o rigor das expressões numéricas previamente calculadas em bases firmes, lhe concede, por outra via, a extraordinária virtude de balancear os somatórios da vida económica e financeira nacional.

Esta técnica vem vivendo em Inglaterra, Estados Unidos da América e Holanda, merecendo ainda afinado estudo na Bélgica, Itália e França, onde se trabalha intensamente no sentido de obter uma estrutura orçamental análoga aos «White-Papers» ingleses, ao «Bill americano», ao orçamento nacional holandês.

O argumento mais forte dos governantes e tratadistas, na fundamentação teórica desta nova era, situa-se naquilo que se chama a unidade económica da Nação. Com efeito, o orçamento, na sua forma clássica, de natureza estritamente financeira, desconhece quase totalmente as decisões económicas do próprio Estado, obliterando aquelas que excedem a sua competência ou iniciativa ou que mesmo provocando a sua intervenção são inteiramente irrelevantes no mapa orçamental.

Sendo assim, as questões essenciais do capital, do produto e do rendimento nacionais não encontram forma prática de se equacionarem; muito ao contrário, dispersam-se os esforços na ausência de coordenação sistemática, a qual mais gravemente se acentua no desconhecimento geral de tão importantes matérias, hoje de valor inestimável nas relações internacionais.

A distinção elementar de capital, rendimento e produto nacionais encontra no orçamento da Nação significado próprio, tornando possível os termos de comparação, como sejam os que resultam do confronto do capital nacional e da dívida pública, do capital nacional e do rendimento nacional, do capital nacional e do produto nacional e permitindo o conhecimento da inflação ou deflação que possam recair nos preços, para o que é bastante observar comparativamente a despesa prevista e o produto total provável.

Todas as informações aqui referidas se comportam no orçamento nacional, que além de incluir o orçamento do Estado, com rigorosa observância do princípio da universalidade, implica a inserção dos planos que possam a qualquer título determinar modificação nos bens, rendimentos ou produtos nacionais.

A fim de se estruturar um esquema de orçamento nacional, é da mais elementar conveniência haver seguros dados acerca do rendimento nacional.

Para tanto, torna-se imperioso fixar uma teoria de rendimento, e, ulteriormente, proceder aos estudos atinentes à sua determinação.

Efectivamente, na hora actual, recebem as atenções sobre os trabalhos anglo-americano-canadenses das conferências «On Research in Income and Wealth», bem assim nos do «Comité Supérieur du Revenu National» criado em França em 1946, por isso que os pontos de vista, embora diferentes, para a construção da teoria, têm no entanto por comum objectivo o estabelecimento das bases organicas do orçamento nacional.

Não é, ra verdade, isenta de dificuldades a determinação dos elementos componentes do rendimento nacional; trata-se de trabalho árduo, que exige larga colaboração de técnicos especializados, dada a avaliação dos preços dos serviços económicos, do auto-consumo e dos serviços do Estado assumir aspectos de grande delicadeza técnica.

Particularmente, naquilo que importa salientar aqui, ou seja, em que medida o Estado contribui para o rendimento nacional, há absoluta necessidade de ordenar as suas despesas em quadro que torne viável a avaliação.

Também nas receitas há a considerar, as fontes de que promanam, pois certo é que, se o encargo das despesas extraordinárias é suportado por empréstimo ou por imposto, logo a execução orçamental vem reflectir-se na repartição do rendimento nacional ou o mesmo é dizer que na situação económica do País, pela influência sobre preços, balança de pagamentos, exportações, etc.

Ora este estudo, que oferece essencialidade para estruturar o orçamento nacional, torna praticamente exigível a contribuição da ciência, das finanças, da economia, da estatística, da ciência administrativa e da contabilidade.

Bem se vê que tão profunda transformação nos métodos da administração nacional atinge, nos seus alicerces, os princípios fundamentais da organica clássica das finanças públicas, deixando ver perspectivas arrojadas de que nós, portugueses, não podemos abstrair.

Como refere num trabalho recente Jean Raymond Guyon, presidente da Comissão de Finanças na Assembleia Nacional Francesa, a reforma não pode fazer-se sob a forma de artigos de lei ou de decretos.

É uma obra de grande fôlego a efectuar por medidas escalonadas e cujo resultado não pode geralmente ser imediato.

Entre nós sente-se a necessidade premente da sua iniciação para que se abra o caminho à ingente obra do orçamento nacional.

Estamos, para isso, em momento particularmente feliz.

O Governo português está excepcionalmente habilitado para o estudo destes problemas, já que se encontram no Ministério das Finanças figuras das mais brilhantes no campo da Economia e das Finanças.

Ainda o Colóquio de Washington

(Continuação da 1.ª página)

deste Colloquium, nesse discurso inaugural, proferiu notabilíssimas declarações, que ao mesmo tempo deram a fórmula mais feliz do significado profundo do Congresso e encheram o coração dos portugueses ali presentes de comovido desvanecimento e também de um sentimento de grande responsabilidade. É absolutamente necessário levar ao conhecimento dos portugueses essas notabilíssimas, históricas afirmações, o que me obriga a fazer delas uma longa citação. Disse assim o prof. Rogers:

«Eu creio que este Colloquium internacional, realizado num Mundo dividido, num mundo ideologicamente em chamas, é do maior significado, do mais alto interesse. Ele manifesta a solidariedade que pode existir entre homens de boa vontade, embora de diferentes nacionalidades, línguas e crenças.

O Colloquium põe em evidência a grande importância das relações «culturais» num mundo em que o espírito e as cousas do espírito são muitas vezes esquecidas por aqueles que detêm o poder económico e político. E ainda mais: põe em evidência o valor inspirativo («inspirational values») da cultura luso-brasileira para nós, pobre humanidade dos meados do século XX.

Com efeito, o esforço lusitano do fim do século XV e da Renascença, do qual dependem tantos aspectos da subsequente vida luso-brasileira, pode fornecer-nos a nós (e agora estou pensando em nós estrangeiros, franceses e ingleses e especialmente em nós os americanos) um ideal do qual grandemente carecemos para podermos suportar as pesadas obrigações do dia de hoje...

Vou dizer-vos qual o valor do estudo do português.

Esse estudo, a leitura de Camões, Barros, Castanheda, Gaspar Correia, Magalhães de Gândavo, dá-nos coragem para cumprirmos o nosso dever.

Nós, os da civilização Hebreo-Greco-Cristã da Europa Ocidental, estamos empenhados numa luta mortal contra um inimigo de outra ideologia. Estamos fazendo uma guerra global contra ele. Esta guerra pode durar, não alguns meses, ou anos, mas séculos. Para esta luta nós precisamos uma força interior, uma fé. A nossa situação é idêntica à da Europa entre o século VII e o princípio do XVI, com uma grande diferença. Desde o ano 632, até, digamos, à morte do Solimão, o Magnífico, a Europa Ocidental lutou contra um mortal inimigo numa guerra global. Mas só no fim do século XI o contra-ataque cristão começou numa triplice frente, na Sicília, na Ibéria e no Oriente.

Os cristãos tiveram, pois, que esperar mais de 4 séculos para poderem começar o contra-ataque em força e este contra-ataque durou 5

séculos! Mas qual a diferença, a que aludi, entre então e agora? O homem medieval tinha confiança em si mesmo, sabia para onde ia, tinha confiança nos seus irmãos, idolatrava-os numa extraordinária literatura heroica.

Nós, hoje, em dia, nada disso temos. A lição a tirar dessa luta medieval, coroada pela participação dos portugueses, é da maior importância, e a sua popularização é urgente.

É o ensinamento de civilização dos descendentes dos portugueses na grande nação-irmã do Sul? O Brasil tem para nós também lições importantes, como a exemplificação da solução cristã da questão das raças, como a exemplificação do modo de combinar o melhor do que o velho mundo oferece com o melhor que o novo mundo tem.

A minha mensagem aos mestres norte-americanos é, pois, a seguinte: reconhecer os importantes valores da cultura portuguesa e brasileira, estudá-los, propagá-los entre os vossos concidadãos: é o vosso dever patriótico.

Também foi brilhantíssimo o prof. Pedro Calmon, ministro da Educação e Saude do Brasil e presidente da Delegação Brasileira, nos discursos inaugural e final.

Pôs admiravelmente em realce o significado do Colloquium como afirmação da alma das nossas culturas, e com o mais comovido carinho falou de Portugal a que chamou «Pátria da minha Pátria».

Por seu lado, o embaixador Teotónio Pereira, ao qual se deve pela sua maior parte a iniciativa e ideação deste Congresso, e só por isto lhe tem de ficar Portugal muito agradecido, nas suas alocuções, primorosas, bem marcou, também, o grande significado, em verdadeiro plano de filosofia da história, desta mensagem lusiada ao mundo americano. Depois de uma grandiosa síntese das missões históricas de Portugal, concluiu afirmando:

«É essencial a defesa da nossa herança de civilização e penetrar nos seus fundamentos; é a tarefa dos homens de pensamento.

Nós, portugueses e brasileiros, temos, com efeito, amplo material sobre o qual as futuras gerações têm de meditar com cuidado.

A América dirigiu em especial o seguinte eloquente apelo:

«Pela grandeza dos seus meios, riqueza dos seus recursos, pela vastidão dos seus territórios, sobretudo pela generosidade do seu espírito e pela humana fraternidade que lhe enche a alma, podem os Estados Unidos, trabalhar para um mais íntimo entendimento entre as nações. Deus quis que sobre os seus ombros pesasse uma urgente responsabilidade, e as nações do mundo são-lhes gratas pela defesa que está a fazer da civilização, que é a glória e a mesma substância do mundo ocidental.

JOSE P. REBELLO



1950

Um conjunto admirável de produtos de beleza que fará realçar o encanto do seu rosto:

Pó de arroz

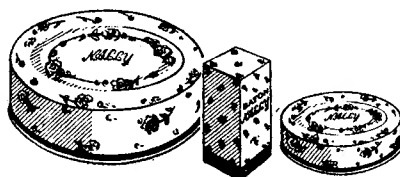
Leve, impalpável, aderente.

Baton

Fixo, indelével, brilhante.

Rouge

Suave, aveludado, de tons luminosos.



PÓ DE ARROZ • BATON • ROUGE



BORGES
VINHOS DO PORTO
BORGES
VINHOS DE MESA
BORGES
ESPUMANTES NATURAIS
BORGES
BRANDIES VELHOS



JOAQUIM JOSÉ DE PAIVA CORRÊA

...30 somente? é já demasiado



Não tome esta perda como sendo ligeira. 30 cabelos que ficam diariamente na escova ou no pente perfaz dez mil e mais por ano... Desde há quanto tempo descuida este aviso diário? Não espere mais. Salve a sua cabeleira enquanto que ela pode ser salva. Recorra à Silvkrine hoje mesmo.

A natureza emprega para fazer crescer os cabelos 14 elementos constitutivos do grupo dos aminoácidos, tais como tryptophane, tyrosine, cystine. Está cientificamente provado que a Silvkrine contém estes 14 elementos na

proporção conveniente. Reanime as raízes capilares sub-alimentadas, aplicando a Silvkrine. Imediatamente a caspa desaparece, a queda dos cabelos pára, a sua cabeleira torna-se sã. Volta a crescer com vigor e retoma o brilho da juventude.

Silvkrine Pura. Alimento concentrado dos cabelos. Contra a queda grave e caspa rebelde.

Loção Silvkrine. Para os cuidados diários. Mantém a beleza e a saúde dos cabelos. Reanima o crescimento, evita a caspa.

Para cabelo seco e quebradiço, Loção Silvkrine oleosa.

Silvkrine

Alimento natural dos cabelos

Fertiliza
o coiro
cabeludo

124-V.P.O.



É CERTO MINHA QUERIDA,
ELE NÃO É "UM AMOR"
MAS ELE TEM UMA

paillard



A câmara de
filmar que
identifica o
seu possuidor

À VENDA NAS BOAS CASAS DE
ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

KNOGENE

A perda da memória, a emotividade excessiva, a irritabilidade, a fraqueza geral, a baixa do controle da vontade são o resultado do esgotamento dos centros nervosos. Use, quanto antes, o medicamento granulado Knogene. É uma fonte segura de fósforo e cálcio com as respectivas vitaminas de fixação C e D. Nas boas farmácias. Depósito geral:

FARMACIA ESTACIO
61. ROSSIO

Atenção... Vem ai as chuvas

A T. U. P. acaba de lançar um novo processo técnico na limpeza e impermeabilização de GABARDINES — uma etiqueta de garantia acompanha todos os trabalhos —. Dirija-se a **MARIO PINTO, L.D.**, Rua Sapateiros, 139, 3.º-Dt.º — Telefone 23754 — LISBOA.

Taras vazias

O Caminho de Ferro faz o seu retorno, com a redução de 40% desde que sejam expedidas como retorno de remessas em cheio.

FOGÕES

A GÁS, A LENHA OU CARVÃO
FOGAREIROS A PETRÓ-
LEO — ASPIRADORES —
APARELHOS DE RADIO
e outros artigos de utilidade

A pronto ou com grandes
facilidades de pagamento

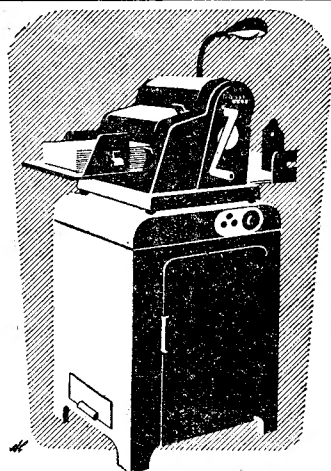
J. COSTA & SILVA, L. DA

Rua Arco Bandeira, 79-1.º

(é só no 1.º andar)

Telef. 26713

LISBOA



DUPLICADORES
MANUAIS E ELÉCTRICOS

RONEO

OS MAIS APERFEIÇADOS
DO MUNDO

SOC. COM.

LUSO-AMERICANA, LDA.

RUA DA PRATA, 145 • LISBOA

SÁ DA BANDEIRA, 339 • PORTO

CONFORTO DO LAR

Móveis em estilos, estofos, tapeçarias, decorações
e candeeiros eléctricos

A PRONTO E COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

RUA D. DUARTE, 2.º 2.º (à Praça da Figueira)



Os 10 mandamentos do COMERCIANTE

5.º Conquista novos clientes — Quantos clientes entram diariamente pela primeira vez no teu estabelecimento? Quem sabe se não voltarão mais. Esta na tua mão transfêrmá-los em clientes habituais. Acolhe-os com simpatia. atende-os com solicitude, satisfaz todos os seus desejos mesmo quando daí não resulte lucro para ti. Procura conhecer-lhes o nome ou o título para lhes reservares, sempre, um acolhimento familiar. Já pensastes que cada cliente habitual representa para ti um rendimento de alguns contos de réis por ano?

REGISTADORAS "SWEDA".
Fabricadas por L. M. Ericssons Kassaregister A. B.

REGISTADORAS
INTEX L.D.A.

Rua D. João V, 4-1.º — Telef. 67147 / 65303 — LISBOA

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

ROMAR

CONORD

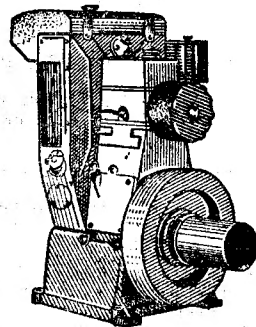
MOTORES DIESEL

para lagares, moinhos, etc.
de diversas potências,
desde 6 H. P.
a 24 H. P.

Para entrega imediata

SOCIEDADE COMERCIAL ROMAR, L.ª

R. DA BOA VISTA, 81-C A 83-E / LISBOA • R. SÁ DA BANDEIRA, 589 / PORTO



Usando creme

NIVEA

A SUA PELE NÃO SE RES-
SENTIRÁ DOS AFAZERES
DOMÉSTICOS MANTEN-
DO-SE LISA E MACIA

PREÇO
DESDE
7\$50



"ERRES"

SERVIÇOS TÉCNICOS

REPARAÇÕES EM RECEPTORES DE TODAS AS MARCAS, ASPIRADORES,
ENCERADORES E TODA A APARELHAGEM ELÉCTRICA PARA USOS
DOMÉSTICOS

ED. FERREIRA, LDA.

Largo de S. Julião, 12-2.º Esq. — Telef. 21793-32775 LISBOA

NÃO ERRES COMPRA ERRES

DIÁRIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Há mau tempo na Europa Continental para além de Pirenéus, por acção dum sistema frontal que se desloca para Leste. Há bom tempo em Portugal e na região do Atlântico compreendida entre os Açores, a Madeira e a costa portuguesa, por influência dum anticiclone centrado na região dos Açores, o qual deve manter o tempo em Portugal durante os próximos dias.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Céu geralmente nublado, com possibilidade de chuviscos durante a manhã, na faixa costeira a Norte do Cabo Raso. Vento fraco a moderado do quadrante Noroeste e temperatura sem grande modificação.

Temperaturas extremas registadas em Lisboa, hoje, até às 15 horas: máxima, 20°, mínima, 11°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 19,5; mínima, 13,5.

PROGRAMAS DA RADIO

EMISSORA—As 18 e 30, Danças; 19, Sinal horário—3.º noticiário; 19 e 5, Música sinfónica; 19 e 30, «Alegria no Trabalho»; 20, O caso do dia; 20 e 10, Canções; 20 e 30, Noticiário regional; 20 e 35, Orquestras típicas; 20 e 45, Música de filmes; 21, Sinal horário—4.º noticiário e desdobramento.

Programa A—As 21 e 15, Trechos de órgão; 21 e 25, Programa pelo Coro Popular de Lisboa; 21 e 45, Música de salão; 22, Rádio desporto; 22 e 30, «Que quer ouvir?»; 23, «Contos e Lendas do Povo Português»; 23 e 15, Danças; 23 e 50, Resumo noticioso do dia e boletim meteorológico; 0, fecho.

Programa B—As 21 e 15, Música de arco; 21 e 30, Trechos de óperas; 21 e 45, Música de tecla; 22, Música sinfónica; 22 e 30, Recital de viola; 22 e 50, Solos de instrumentos; 23, Música coral-sinfónica; 23 e 50, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE—As 19, Música de baile; 19 e 30, Canções, por Alice Faye; 19 e 45, Música brasileira; 20, Música portuguesa; 20 e 30, Rádio-jornal; 20 e 45, Solistas; 21, Espectáculos; 21 e 30, Orquestras; 22, Trechos re-creativos; 22 e 30, Fados e guitarradas; 23, Música de baile; 23 e 45, Rádio-jornal e amanha; 0, fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 19 e 30 às 0; juntamente com o Porto, das 19 e 30 às 22 e 30.

RÁDIO JUVENTUDE—Das 19 e 45 às 20 e 50.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 às 22, Clube Radiofónico de Portugal; das 22 às 0, Voz de Lisboa.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNOS H—União—Estrada de Benfica, 592-594 (Tel. 58-092); Aguiar—Estrada de Benfica, 197-199 (Tel. 58-043); Leal de Matos—Rua de Neves Costa, 33-35 (Carmide) Tel. 58-181; Patuleia, H.ª—Rua do Lumiar, 122-124 (Tel. 79-332); Ascenso—Rua 19—Bairro da Encarnação; Ant.ª F.ª do Castelo, de Coimbra—Rua 20, 19-B—Bairro de Alvalade; Belmar—Avenida da Igreja, 5-B—Bairro de Alvalade; baptista—Rua de Francisco Tomás da Costa, 3-C (Tel. 7 1873); Campo Pequeno (Do)—Avenida da República, 58-C-D (Tel. 7 1661); Arga, Ld.ª—Avenida da Praia da Vitória, 53-55 (Telefone 4 3938); Lis—Avenida de Luis Bivar, 67-71 (Tel. 4 7213); Ribeiro & Castro, Ld.ª—Rua de Braamcamp, 58 (Tel. 43409); Olivais (Dos)—Rua de Alves Gouveia, 19; Marvila (De)—Rua Direita de Marvila, 25; Banha—Estrada de Chelas, 173-175; Oriente—Rua Lopes, 120 (Tel. 4 3381); Frazão—Rua de Santa Apolónia, 90-92 (Tel. 2 7017); Nacional—Rua de S. João da Praça, 26 (Tel. 2 8032); Bastos de Andrade—Calçada de Santo André, 107-111 (Tel. 2 5150);

UM CASO DE VANDALISMO

FIGUEIRO DOS VINHOS, 13—Na estrada que desta vila conduz a Pedrogão Grande, foi praticado um verdadeiro acto de selvajeria, que bem merecia o severo castigo. Aquela estrada recentemente alcatroada, tem andado a ser sinalizada por uma brigada de cantoneiros, sob a orientação do chefe de conservação sr. José Guerreiro Machado, que há dias concluiu o seu trabalho. No dia seguinte, porém, por mão de discólos, aquele trabalho apareceu completamente destruído, caso que causou como é de supor, a mais justificada indignação entre a população local. Bom seria que as autoridades descobrissem os autores do vandalismo, mercedores da aplicação de severo exemplo.

Emagrecer do com OBESYL

Combate a obesidade, elimina as gorduras indesejadas, regula o intestino, regulariza a assimilação dos alimentos, de efeitos imediatos sem provocar acidentes secundários. Envia-se literaturas grátis. Rua Arco Marquês de Alegrete, 58, 1.ª — Lisboa.
Venda em Farmácias e Químicas

Branquinho—Rua dos Sapadores, 87 (Telefone 4 2363); Colonial—Caminho do Forno do Tijolo, 40 (Tel. 4 1122); Veral—Rua de Morais Soares, 109 (T. 4 1201); Romano Baptista—Rua de Passos Manuel, 6-10 (Tel. 5 0593); Salutar—Rua B, 75-A-B—Bairro da Liberdade; Central de Campolide—Rua do General Taborda, 17 (Tel. 4 0304); Almeida—Rua de Silva Carvalho, 136 (Tel. 6 3226); Paivas & Parente—Rua de Santo António, 4 Estrela, 96-98; Lobel—Rua de Infante 16, 100 (Tel. 6 3807); S. Nunes Simões, H.ª—Rua do Quelhas, 1 (Tel. 6 1275); Bom Sucesso—Rua da Praia do Bom Sucesso, 2 (Tel. 3 7578); J. A. Silva—Rua dos Quarteis, 25-27 (Tel. 3 7777); Lisbonense—Rua do 1.º de Maio, 10 (Tel. 3 7020); S. Tomé—Rua da Torre da Polvora, 4-D (Tel. 6 3800); Valentim, Ld.ª—Rua do Poço dos Negros, 88-90 (Tel. 6 1353); Ferrão—Rua da Mouraria, 12 (Tel. 2 8064); Labor—Rua do Diário de Notícias, 81-83 (Tel. 2 3428); Centro Farmacêutico—Rua de Eugénio dos Santos, 88 (Tel. 2 1211); Ferreira Pinto—Rua da Vitória, 21 (Tel. 2 3793)

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

NACIONAL—As 21 e 45—«As meninas da fonte da bica».
AVENIDA—As 20 e 45 e às 23—«Ai Teresa».
TRINDADE—A's 18 e 30—«O outro André».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e 22 e 45—«Ninotchka».

S. LUIS—«Madame Bovary».
TIVOLI—«A rosa negra».
EDEN—«Segredo de Estado».
POLITEAMA—«Fúria sanguinária».
S. JORGE—«A glória de amara».
TRINDADE—«Frei Luís de Sousa».
CAPITOLIO—«Tarzan e a escrava».
ODEON e PALACIO—«O rei».
LYS—«Se minha mulher soubesse...».
REX—«Sua alteza o criado».
JARDIM—«A deusa desceu à terra».
TERRASSE—«Amok, o doído da Malásia».
OLIMPIA—«A cidade perdida».
PROMOTORA—«Noite de tempestade».

BOCA DE LISBOA

VALORES	Precedido	Compra	Venda
Fundo do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	649\$	648\$	649\$
Consolidado 3 % T. 10	711\$	711\$	712\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	833\$	833\$	834\$
Centenários 4 % ...	1.949\$	1.949\$	1.950\$
Ob. Tesouro 2 1/2 1942	—	—	970\$
Idem 1943	970\$	968\$	—
Externas 3.ª série ...	—	—	1.400\$
Externas 3.ª carimbadas	—	1.300\$	1.325\$
Ações			
Esp. St.º Com. L.ª port.	—	3.250\$	—
Lisboa e Açores por ...	—	750\$	—
Ultramarino op. T. p...	480\$	478\$	485\$
Fidelidade ...	—	48.500\$	49.000\$
Mundial ...	1.170\$	1.168\$	1.172\$
Nacional ...	—	—	900\$
Sagres ...	—	1.201\$	1.500\$
Agua Lisboá 1934 T.p.	—	121\$	124\$
Agua Lisboá 1936 T.p.	—	118\$	—
Cimentos Tejo ...	—	—	240\$
Cimentos Leiria T. p...	—	265\$	—
Crédito Predial port.	13\$	13\$	14\$
Gás Electricidade cupão	162\$	162\$	162\$
Alto Alentejo cupão ...	113\$	112\$	113\$
Industrial Aliança ...	—	263\$	265\$
Portugal e Colónias ...	258\$	258\$	258\$
Nac. Navegação T. p.	—	745\$	760\$
Colonial de Navegação	730\$	720\$	729\$
Port. Tabacos cupão ...	307\$	306\$	306\$
Tabacos Portugal cupão	—	400\$	403\$
União Eléctrica Port.	176\$	175\$	177\$
Casseque ...	806\$	805\$	806\$
Agrícola das Neves ...	—	891\$	910\$
Agricultura Colonial ...	490\$	489\$	490\$
Açúcar de Angola ...	2.256\$	2.255\$	2.258\$
Buzi ...	126\$	126\$	127\$
Cabinda ...	—	91\$	91\$
Ilha do Príncipe ...	—	1.185\$	1.200\$
Zambézia T. de 25 ...	103\$	102\$	103\$
Moçambique ...	—	190\$	191\$
Obrigações			
Norte de Portugal 5 %	102\$	102\$	103\$
União Eléctrica 4 1/2 ...	—	90\$	—

J. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO
Ouro em barra
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 2 1273

ELECTRO LISBOA, L. DA

Candeeiros — Fogareiros — Fogões
Frigoríficos
Rádios das melhores marcas, etc.
A prestações em colaboração com as C. R. Gás e Electricidade
Rua Augusta, 246-248
Telef. 20568

OURO, PRATA, JOIAS E RELÓGIOS
Grande sortido — Preços limitados
Ouivesaria Santos Catita, L.da
Rua Eugénio dos Santos, 44

Começaram em Bragança as obras da construção do colégio de S. João de Brito

BRAGANÇA, 13—Como estava anunciado, realizou-se a cerimónia do lançamento da primeira pedra para a construção do novo edifício do Colégio de D. João de Brito, num terreno à ponte do Loreto.

Esta obra que deverá estar concluída dentro de um ano, é levada a efeito pelo bispado desta diocese e financiada pela cooperativa «O Problema da Habitação», representada na cerimónia pelos srs. drs. Martins Barbosa e António Emílio de Magalhães.

Durante a cerimónia, usou da palavra os srs. padre Agostinho Rapazote, que focou o alcance da obra. O bispo da diocese, D. Abílio Vaz das Neves, procedeu à bênção do terreno, onde se vai construir o novo colégio.

Em seguida, falou o sr. dr. Martins Barbosa, que acentuou o interesse que mereceu a cooperativa de que faz parte a modificação desta obra.

Falou, por fim, o bispo, que enalteceu a obra da referida cooperativa e focou o trabalho da direcção do colégio.

A cerimónia terminou com a entoação dos cânticos pela «Schola Cantorum».

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLICIA

PRESO POR NADA—A P. S. P. prendeu Manuel Valente, de 31 anos, solteiro, trabalhador, residente na Rua dos Milanos, 1, 1.ª Quinta da Calçada, por ter sido surpreendido dentro dum barracão, na Quinta do Madaleno, a Azinhaga do Jogo da Bola, por cujo telhado entrou, donde furtou a carteira ao trabalhador José Maria Felismino, a qual, por não ter dinheiro, abandonou em cima do telhado quando pretendia pôr-se em fuga.

UM TEIMOSO—A P. J. prendeu José de Sousa, de 59 anos, casado, sapateiro, sem residência certa, porque, na Rua do Capelão, esperou e procurou assaltar o comerciante Carlos Silva, residente na Rua do Paraíso, 49-2.º andar, a quem, pouco antes, num estabelecimento, havia procurado roubar a carteira, para o que lhe chegou a cortar uma algaibeira do colete, só não conseguindo levar por diante o seu intento por aos gritos de socorro ter comparado o captor.

DESASTRES

EXPLOSAO DE GASOLINA—Quando trabalhava numa garagem da Avenida Manuel da Maia, foi atingido pela explosão dum bidão de gasolina o serralheiro-mecânico Arnaldo Sequeira, residente no Beco da Pirralha, 76. Deu entrada no Hospital de S. José com várias queimaduras pelo corpo.

QUEDA GRAVE—No Asilo dos Velhos de Marvila caiu por uma escada o asilado Estevão Marques da Silva, de 65 anos, ficando gravemente ferido na cabeça. Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

DOENÇA SUBITA E MORTAL—Quando almoçava na estação de Campolide, foi acometido de doença subita o canalizador da C. P. António Rodrigues Vieira, de 55 anos, morador no Algueirão. Chegou já morto ao Hospital de S. José. O cadáver foi removido para o Necrotério.

COLHIDO POR UM AUTOCARRO—Esta tarde, foi atropelado por um autocarro da Carris o menor de 5 anos, Abel Rodrigues Pereira, residente na Rua Heliodoro Salgado, 36-A, próximo da sua residência, o qual sofreu fractura da perna esquerda, pelo que ficou internado na sala de observações do hospital de S. José.

UM FENÓMENO GEOLÓGICO

ROMA, 13—Há alguns dias que a população de três aldeias da região de Vicência anda assustada com a «montanha que marcha», deslize de terreno de grande envergadura que, na opinião dos técnicos, envolve na realidade o risco de pôr em movimento um monte que fica perto daquelas aldeias. O fenómeno é provocado por uma vasta camada de lamias que vai minando a base do monte. Várias casas que abriram já fendas foram abandonadas. Se o monte vier a deslocar-se de todo, duas das aldeias estão condenadas e o vale ficará obstruído. (France Presse).

A falta de dragagem do porto do Montijo

Sr. Director—Cumpre-me, antes de mais nada, pela parte que me diz respeito, agradecer ao sr. presidente do conselho de administração da Administração Geral do Porto de Lisboa os amáveis esclarecimentos que se dignou prestar-me e aos leitores do «Diário de Lisboa».

Em seguida, permita-me o sr. eng. Sá Nogueira que faça algumas considerações acerca do mesmo assunto.

A dragagem efectuada beneficiou largamente—é incontestável,—as condições de navegabilidade do canal e a nossa satisfação é muito grande, pelo facto de com ela ter desaparecido um dos obstáculos que impediam, segundo nos informaram em tempos, a efectivação da viagem de Montijo-Lisboa e vice-versa no período máximo de uma hora. Os nossos agradecimentos, pois.

Se não era conveniente dragar junto ao cais até a profundidade de (—3), não se poderia tê-lo feito até a de (—2), por exemplo? Creio que com um pouco mais de boa vontade e diligência se teria atingido o objectivo em vista.

Saliento este facto por duas razões: a primeira é que, contrariamente ao previsto, o pontão-cais continua assente no lodo no período dos baixamarés, e a segunda é que esse lodo e o depositado aos lados exalam um cheiro pestilencial e agonizante que teria desaparecido com a remoção das lamias naquele local.

Quando a paralização das carreiras por um dia ou dois necessários à execução dos trabalhos, como dessa paralisação reverteriam benefícios para a colectividade, todos nós faríamos o sacrifício de utilizar os outros meios de transporte à nossa disposição, caminho de ferro e camionagem, nas nossas deslocações a capital. As consequências para nós, habitantes do Montijo, não seriam más.

Quanto ao cano de esgoto, continuamos a esperar que seja removido para outro local ou, então, que seja devidamente coberto, a fim de evitar, tanto quanto possível, o mau cheiro e o desagradável e inestético espectáculo que oferece.

Sem mais, etc.—Um amigo de Montijo.

EM 3 LINHAS

A Camara de Sintra resolveu associar-se à iniciativa de prestar, naquela vila, homenagem perpétua à memória do dr. Nunes Claro, grande espirito e médico dos pobres.

A recitadora brasileira Helena de Magalhães Castro, que há pouco deu em S. Paulo o seu 500.º recital, ao cabo de 25 anos, esteve em Lisboa, Porto, Coimbra, e Braga em 1929 e 1930.

Existem, no País, 313 campos de futebol, dos quais 66 no distrito de Lisboa, 43 no do Porto, 34 no de Setúbal, 27 no de Santarém e 23 no de Aveiro.

Angola exportava há vinte anos 129.609 toneladas de mercadorias no valor de 233.969 contos, e no ano passado passou para 401.631 toneladas e 1.793.812 contos. Os números de 1950, até Agosto já são superiores.

Existem 36 liceus nacionais (7 em Lisboa, 2 no Porto e 2 em Coimbra), além do Colégio Militar e do Instituto de Odontologia, e de 6 liceus municipais. Tinham ao todo 1.096 professores em 1949.

Almoço de homenagem ao comendador Brenha Fontoura

A direcção da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro ofereceu hoje, no restaurante Imperium, um almoço ao comendador Abílio Brenha Fontoura, figura de grande relevo na colónia portuguesa de São Paulo, que na próximo dia 16 regressa ao Brasil, a bordo do «Ardes». Além do homenageado, de sua esposa e filha, assistiram os srs. Francisco Sarmiento Pimentel e João Sarmiento Pimentel, Crisóstomo Cruz, que hoje chegou a Lisboa, de avião, acompanhado de sua esposa, dr. João de Almendra, coronel Bento Roma, engenheiros Moraes Campilho, Cavaleiro Ferreira e José de Abreu, D. Adelaide Bramão, D. Maria Isabel Guerra Junqueiro, capitão de fragata dr. Francisco da Fonseca, coronel Luciano Alves, tenente-coronel Candido Ribeiro, Francisco Santos e Guilherme Furtado. Muitos dos convivas faziam-se acompanhar de suas esposas.

Aos brindes, o sr. dr. João de Almendra, em nome da Casa de Trás-os-Montes, dirigiu as suas saudações ao comendador Brenha Fontoura, a cuja obra benemerente e construtiva tecer os maiores elogios, e às outras individualidades presentes, que são figuras de relevo da colónia portuguesa do Brasil.

O homenageado agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e falou ainda os srs. João Sarmiento Pimentel, Francisco Sarmiento Pimentel e Crisóstomo Cruz.

NOVA MÉDICA

Concluiu a sua formação em Medicina a sr.ª dr.ª D. Julia Maria Vieira Crespo Ferreira, filha do sr. dr. Crespo Ferreira, médico da P. S. P. de Lisboa.

As operações militares na Coreia

(Continuação da 1.ª pag.)

um porta-voz do 1.º corpo americano. Este calculou em sete regimentos os efectivos inimigos empregados no sector de Kunuri-Tokchon, três dos quais seriam chineses.

Um informador do 1.º corpo anunciou esta manhã, que o 8.º exército (no Oeste da Coreia) e o 10.º corpo (a Leste) tinham completado no domingo, à noite, a ligação das suas tropas, próximo de Habongsonni. Declarou que isso significava o estabelecimento de uma linha de defesa contínua através da península da Coreia. Todavia, estavam ainda activas guerrilhas á retaguarda das forças das Nações Unidas.

Elementos da 1.ª divisão sul-coreana, estacionados junto ao rio Chongchon, fizeram 69 prisioneiros, no domingo. Os soldados comunistas disseram que eram muito eficazes os prospectos de rendição lançados pelos aviões americanos. Acrescentaram que muitos soldados norte-coreanos desejariam entregar-se, se o pudessem fazer. Afirmaram que os soldados eram cuidadosamente guardados pelos seus oficiais. Os prisioneiros acrescentaram que os chineses estavam a utilizar tropas norte-coreanas como cortina entre eles e as tropas das Nações Unidas.

Anunciou-se hoje em Tóquio que estão a caminho da frente de batalha, por via aérea, reforços australianos. Aviões dos fuzileiros navais dos Estados Unidos transportaram do Japão um efectivo não revelado de australianos.

A 5.ª força aérea anunciou hoje que uma coluna de 30 quilómetros de comprimento, em marcha para o Sudoeste, em pequenos grupos, ao Norte de Yuwonju, fora atacada «com bons resultados» por caças bombardeiros das Nações Unidas. Julga-se serem as mesmas tropas que foram metralhadas algumas horas antes, a Nordeste de Huichon.—(R. e F. P.).

Aumenta a pressão inimiga no sector Nordeste

FRENTE DA COREIA, 13—A pressão inimiga crescente no sector Nordeste deteve os elementos avançados sul-coreanos na margem Sul do Myongganchon, uma dezena de quilómetros ao Norte da cidade de Myonchot (entre Kilchu e Congjin, na costa Leste). Grupos inimigos que tinham sido isolados continuaram a subir para o Norte a fim de se juntarem ás tropas comunistas ao longo da fronteira manchua e ameaçam a segurança nas zonas á retaguarda do 10.º corpo. Assinalaram-se duas importantes concentrações inimigas, calculadas cada uma em 2.000 homens, ao Sul de Wonsan e de Kojo, na costa Leste.

Um porta-voz do 10.º corpo declarou esta manhã que duas campanhas noturnas tinham atravessado o rio Oryongchon, afluente do Myongganchon, mas foram detidas por sul-coreanos.

Por outro lado, o porta-voz disse que vários grupos inimigos, deslocando-se para o Norte, travaram combates com unidades de fuzileiros americanos em pontos situados geralmente a Oeste da estrada de Wonsan-Hamhung e patrulhas de fuzileiros encontraram barragem de estradas a Oeste de Wonsan ontem á tarde. Em determinado ponto, os fuzileiros entraram em contacto com 850 norte-coreanos, matando cerca de metade.—(F. P.).

Nova manobra comunista?

FRENTE DA COREIA, 13—Parece estar a desenhar-se no centro da Coreia

Os comunistas oferecem maior resistência ao ataque

nova manobra comunista contra o flanco direito do 8.º exército. Assinalaram-se colunas de tropas inimigas, com 30 quilómetros de comprimento, na região de Yuwonjin, a Nordeste de Huichon. Segundo os pilotos que o atacaram, o inimigo desloca-se em pequenos grupos ao longo das estradas das montanhas que se dirigem para Sudoeste.—(France Presse).

O numero de prisioneiros

SEOUL, 13—Fezerm-se 56 prisioneiros de guerra chineses no Nordeste da Coreia desde o começo da intervenção chinesa—anunciou um porta-voz do 8.º Exército. Esta cifra não compreende os chineses feitos prisioneiros no Nordeste. Aos 85.000 prisioneiros norte-coreanos feitos em Outubro há que acrescentar 3.000 desde o principio de Novembro o que eleva a 135.000 o seu numero total desde 25 de Junho—excluindo os feitos no Nordeste pelo 10.º nas ultimas seis semanas. O porta-voz anunciou somente mo-

dificações de pouca monta na frente Noroeste durante as ultimas 24 horas. Unidades americanas, avançando a Nordeste de Kunuri, ocuparam Wonni e progrediram 4 quilómetros desde domingo de manhã. No centro da Coreia, a Oeste de Tokchon, um regimento comunista, contra-atacando, forçou um regimento sulista a recuar quatro quilómetros até 12 quilómetros a Sudoeste de Tokchon.

A 5.ª força aérea anunciou a destruição de 46 tanques comunistas pelos caças e bombardeiros no decurso da ultima semana.—(F. P.).

A acção dos caças-bombardeiros

TÓQUIO, 13—Devido ao bombardeamento aéreo de domingo, os arcos da ponte de Sinuiju, do lado coreano do rio Yalu, desmoronaram-se, segundo anuncia um comunicado da Aviação americana que esclarece que os caças-bombardeiros alvejaram apenas «o lado coreano da ponte» e não replicaram ás baterias antiaéreas chi-

A pressão dos norte-coreanos aumenta na frente Nordeste

TÓQUIO, 13—Ao mesmo tempo que a ofensiva das Nações Unidas progredia lentamente, na extremidade Noroeste da Coreia, os comunistas começaram a oferecer maior resistência ao ataque.

A brigada britânica avançou esta manhã até um ponto onde a resistência era insignificante, mas, em alguns locais, os soldados das Nações Unidas estão a caminhar através de campos de minas e de defesas exteriores.

Um oficial dos serviços secretos disse que os comunistas chineses, segundo parece, ocupavam posições em frente da cabeça de ponte das Nações Unidas, em Sinanju, próximo da foz do rio Chongchon e, a partir daí, em direcção a Leste, até próximo do distrito vital das barragens. Calculou que os chineses dispusessem actualmente de 60.000 homens no Norte da Coreia. Não se receberam notícias de movimentos chineses através do rio Yalu, nas ultimas 48 horas, depois da destruição de várias pontes por bombardeamentos aéreos.

A não ser em consequência de contra-ataques comunistas ao Sul de Tokchon—onde uma força sul-coreana teve de recuar 3 quilómetros—os americanos e sul-coreanos avançaram hoje neste sector.

Um comunicado afirma que aviões das Nações Unidas descobriram comunistas que marchavam em apoio das primeiras vagas de assalto do contra-ataque de Tokchon e mataram mil inimigos.

Mais de 40 Superfortalezas B-29

bombardearam hoje três importantes centros de abastecimento dos comunistas, no Norte da Coreia. Lançaram 250 toneladas de explosivos.

Fortes bandos de guerrilhas têm provocado perturbações sérias, nas áreas da retaguarda, nos ultimos dias. A 4.ª divisão, mantida em reserva pelas Nações Unidas, recebeu ordem para aniquilar fortes bolsas, que se creem como principal objectivo infiltrar-se para o Norte, para se juntarem ao grosso das forças do Exército comunista.

Na área vital das barragens norte-coreanas, no lado oriental, fuzileiros navais americanos exerceram acção de patrulhas, ao Norte de Kotoli, no caminho para o reservatório de Chosin. Encontraram pequenas forças, que repeliram.

Os comunistas forçaram a retirar guardas avançadas da divisão sul-coreana Capitólio, para não serem cercadas. Posteriormente, os sul-coreanos contra-atacaram e comunicaram que os comunistas estavam agora a intrincheirar-se na margem Norte do rio Orangehon.

A 3.ª divisão sul-coreana, que há algum tempo não era citada como estando na frente de batalha, está a patrulhar ao Norte de Sinpo, na costa oriental.

Nos ataques para expandir a cabeça de ponte Noroeste, tropas do flanco esquerdo da 1.ª divisão de cavalaria americana avançaram cerca de 1.500 metros.—(Reuter).

nessas que dispararam contra eles do lado manchua da fronteira.

A ponte de Sinuiju é uma ponte internacional do rio Yalu, na grande estrada Pyongyang-Mukden, construída pelos japoneses. A partir da central apoia-se num enorme pilar giratório para permitir a passagem de navios pelo rio.—(France Presse).

A descrição de um combate com um caça de reacção soviético

TÓQUIO, 13—O tenente Russel Brown, o primeiro piloto americano de «Estrela Cadente» que abateu um «MIG 15», avião de reacção de fabrico soviético que apareceu na frente da Coreia há uma semana, afirma que, segundo as suas impressões, o aparelho russo possuía uma velocidade superior em 150 quilómetros á do «Estrela Cadente» americano.

O piloto contou que um grupo duns doze «MIG» faziam grandes círculos perto de Sinuiju, picando por cima da Manchuria, para tomar velocidade, passando depois á fronteira com grande rapidez e precipitando-se sobre as formações americanas para as tentar desorganizar.

Contudo, acrescentou, não disparavam contra nós. Mergulhando em picado por cima das nossas formações, reapareciam na Manchuria a 300 metros do solo como para nos arrastar atrás deles».

A esquadrilha do tenente Brown conseguiu, todavia, surpreender um grupo de quatro «MIG» por cima do território coreano, atacando-os por baixo. «Lançamo-nos a 600 milhas á hora, prosseguimos. No entanto, o avião que eu perseguia escapou-se fazendo uma «candeia» impressionante. Não o podia seguir e ele ter-me-ia despistado completamente, pois fazia, pelo menos, mais de cem milhas do que eu. No entanto, o piloto comunista cometeu o erro de virar á esquerda para voltar para a Manchuria. Cortei-lhe o passo e no momento em que o avião passava diante de mim disparei, com todas as metralhadoras. Escaparam-se chamas do motor e o «MIG» ficou ferido de morte em direcção á Manchuria. Segui-o até cem metros do solo, onde se esmagou e explodiu. Tive tempo de olhar para o velocímetro. Nunca voei tão depressa e não tenho vontade de tentar de novo».

Concluindo, o tenente Brown esclareceu que o avião comunista caíra em território coreano.—(F. P.).

RESTAURANTE CHAVE D'OURO

PAPRIKA FARCI
CÔTELETES DE PORC
A LA GLACE
ROULADES DE VEAU
AU LARD

MENU: 40\$00

ACEPIPES VARIOS OU SOPA
OVOS ESTRELADOS. BERCY
ou CHERNE á MARINEIRA
TUTTI MIXTO A MILANESA
ou FILETE DE VACA
A INGLESA
PUDING ou FRUTA
VINHO

SALAS PARA BANQUETES

NINA

A' TARDE E A' NOITE

MARIE JULIETTE ANGEVIN
BRANDÃO AO SOLOVOX

Se não sabe o que deve beber...
Beba 1/2 de água do Vimeiro
Auxilia-lhe a digestão

ULTIMA HORA

PARIS, 11—SAIRAM PARA LISBOA, NO «SUD-EXPRESS», AS PRINCESAS ABISSINIAS, DESTA E MENEN, ACOMPANHADAS DO SEU «PARTENAIRE» LEE, PARA SE ESTREAREM NO ARCADIA DANCING BAR.

Bodas d'Ouro?

As Exm.ªs Clases Médica e Farmacéutica:

C. F. BOEHRINGER & SOEHNE G. m. b. H., de Mannheim-Waldhof (Alemanha) têm o prazer de informar que o mercado já se encontra abastecido de

STROPHORAL

(medicamento para a estrofantinoterapia por via bucal)
Representantes exclusivos para Portugal:
FERRAZ, LYNCE, LD.ª — Trav. da Glória, 6, 2.º — LISBOA

Princesas abissinias no ARCADIA?